

SET./OUT.-88

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



Tem a Igreja
Autoridade?
Pág. 13

ARTIGOS

3 EDITORIAL

Almir A. Fonseca

4 PODE A IGREJA TOLERAR MENTES ABERTAS?

Dr. James J. Londis

7 A CULTURA CONDICIONA NOSSA COMPREENSÃO DAS ESCRITURAS

Dr. Jon Dybbdahl

9 DA AMARGURA PARA A RECONCILIAÇÃO

Willard Santee

13 TEM A IGREJA AUTORIDADE

George E. Rice

16 O ALERTA DA SEGUNDA-FEIRA NEGRA

Ron Christman

18 VERIFICAÇÃO E CUIDADOS DO ESGOTAMENTO

Dr. José A. Fuentes

22 É O INFERNO BÍBLICO ETERNO?

Tim Crosby

27 O TEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO NA ANTIGÜIDADE

Dr. Siegfried H. Horn

7895

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Paulo S. Gusmão; **Diagramador:** Josias H. Silva; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;
Capa: Harry Anderson.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Editorial

A Igreja está empenhada no louvável esforço de evangelizar o grande número de pessoas que ainda não ouviu a respeito de Jesus ou não tomou ainda sua decisão ao lado da verdade. Novos e variados métodos são adotados, com o propósito de anunciar o que acreditamos seja um acontecimento iminente — o retorno de nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo. Com reprimida alegria, antecipamos os resultados positivos que certamente advirão deste envolvimento dos nossos pastores e membros nesse nobre propósito.

Copiosos são os textos bíblicos que servem de incentivo aos que seguram o estandarte do evangelho, dispostos a fazê-lo tremular por todas as partes. Entre eles, o de Eclesiastes 11:6: "Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará: se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas." Todo pregador da Palavra, acostumado já com a veracidade destas declarações, terá a oportunidade de vê-las se cumprir mais uma vez em sua própria experiência e na de muitos companheiros de jornada evangélica.

Ficará, todavia, contente por saber — se é que já não tomou conhecimento deste fato — que pode tornar muito mais receptiva a mensagem que se propõe levar, caso a apresente em linguagem belamente ataviada.

Não significa que deva consultar a cada momento o dicionário, à procura de uma palavra rara, nem que esteja na obrigação de usar uma linguagem empolada para transmitir a verdade; basta que faça uso adequado do mecanismo da voz, e que empregue o mais corretamente possível as regras gramaticais. Pelo menos, as mais comuns.

O cuidado que se deve ter em aformosear as boas novas da pregação com uma forma correta de ler e falar, é bem salientado pela Sra. White. Dela são as palavras que transcrevemos a seguir, e que são merecedoras de nossa atenção: "Cada cristão é chamado para anunciar a outros as inescrutáveis riquezas de Cristo; por isso deve procurar perfeição no falar. Deve apresentar a Palavra de Deus de maneira tal que a recomende ao auditório. Deus não pretende que seus porta-vozes sejam incultos." — *Parábolas de Jesus*, pág. 336.

Em Sua infinita bondade e misericórdia, Deus nos aceita com as limitações que possuímos; não deseja, porém, que venhamos a atrofiar os recursos de que dispomos, por algum descuido ou pela falta de uso. Por vezes, Sua força "se aperfeiçoa na fraqueza" (II Cor. 12:9) quando, apesar de nossos melhores propósitos, não con-

seguimos transpor as barreiras que temos à frente. Não aceita, contudo, que sepulemos o talento sem com ele negociar.

Até "pessoas de inteligência e de atividade cristã" (pág. 335), fazem incorreto uso da voz, lendo e falando de maneira incorreta. Uns, por elevarem demasiadamente o tom, produzindo assim sons "agudos e estridentes"; outros, por falarem de maneira tão baixa que não são entendidos. "Este é um mal que pode e deve ser corrigido", diz a autora.

O outro mal, não menos passível de ser reparado, é o do emprego incorreto de certas regras gramaticais. Como já frisamos, é até deselegante usar linguagem rebuscada; mesmo ao escrever. A linguagem, porém, torna-se pouco recomendável "ao auditório" quando deixamos de empregar corretamente um verbo, ou deslocamos a acentuação de uma palavra.

Quem já não ouviu o imperativo negativo ser atropelado em recomendações como esta: "Não falai mal dos outros"? Quem assim age, deve imaginar: "Bem, se a forma positiva é *falai*, basta acrescentar a palavra *não*, e tudo estará resolvido." Há, todavia, regras gramaticais para que, em lugar de "não falai", digamos *não faleis* mal dos outros.

Recomenda mal, também, a Palavra de Deus, o mau emprego da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. É tão comum este erro ser cometido "até por pessoas de inteligência, como diz a senhora White, referindo-se à linguagem, que fico às vezes pensando se os gramáticos não terão que admitir-lo um dia!

E o pior de tudo é que em geral cometemos esse erro quando nos estamos dirigindo a Deus. Dizemos a cada oração que fazemos a Deus: "Muito obrigado pelas bênçãos que nos *concedestes*", tratamento relacionado com a segunda pessoa do plural (*vós*) do pretérito perfeito do indicativo, quando na verdade estamos fazendo uso da segunda pessoa do singular.

Devemos dizer, portanto, "as bênçãos que nos *concedeste*" (sem o *s* final), pois assim exige que digamos o tratamento da segunda pessoa do singular — Tu. Evidentemente, se o tratamento for *ocê* — também da segunda pessoa — diremos: "Que (você) nos deu."

Saiamos, pois, com todo o entusiasmo que nos for possível conseguir, para anunciar as novas de um Salvador que tudo fez por nós. Lembremo-nos, não obstante, de que não é a vontade de Deus "que o homem apouque ou avilte o manancial celeste que por ele flui para o mundo" (*PJ*, 336) usando incorretamente meios que poderiam contribuir para ataviá-lo. — *Almir A. Fonseca*.

Pode a Igreja Tolerar Mentes Abertas?

Em minha formatura no curso superior, o locutor provocou risos em nossos pais, ao dizer que sendo bacharelados e estando de posse de nossos diplomas, éramos agora mais perigosos do que antes. Agora, não só sabíamos tudo, mas tínhamos um pedaço de papel para prová-lo.

Esse comentário me atingiu; acertou de cheio no alvo. Muitos de nós tínhamos pais que jamais haviam terminado o curso superior. Nós nos víamos como rapazes de 17 anos, cheios de vida e com um futuro brilhante pela frente. Estávamos orgulhosos por não cometer os erros tolos que nossos pais cometeram. Nossos casamentos não iriam terminar em divórcio, nossa ocupação renderia muito dinheiro, nossos nomes atingiriam sua marca.

Bem, os moços cheios de vida dos primeiros cinqüenta anos com os quais me mantive em contato, estão a sentir-se muito sensatos hoje. Em muitos casos, seus casamentos *fallaram* depois de sua progênie. Seus filhos estão aprendendo cálculos, fazendo cursos de computador e recebendo aulas de ciência que contêm informação completamente desconhecida nos cinqüenta anos passados. Aqueles que se graduam nessas áreas têm obtido salários superiores àqueles a que seus pais fizeram juz, tendo trabalhado a vida inteira.

Numa sociedade de mudanças tão rápidas, apenas os mais arrogantes deixam ver que não sabem nem podem saber tanto quanto imaginavam que sabiam quando eram jovens e mal-informados. Só o ignorante pode pensar que não é ignorante. É a suma do saber, descobrir quão mais além está realmente a onisciência.

Um amigo meu declarou poucos meses antes de terminar seu doutorado: "Quanto mais dele me aproximo, tanto menos o respeito."

Não me entendam mal. O grau universitário é uma conquista maravilhosa. Qualquer, porém, que imagina que deve "sentir-se" educado quando se gradua, não foi transformado de maneira adequada por sua experiência educacional.

Esta lição, contudo, não é fácil de ser aprendida. Algumas pessoas com doutorado não experimentaram esta transformação. Surpreendentemente, elas percorreram seu curso sem se tornar humildes e capazes de aprender. Resistiram ao pensamento e à mudança criativa, apenas porque estes lhes ameaçavam as tradições. Estigmatizaram os que delas discordaram de "pervertedores da verdade".

Em seu célebre livro *On Being a Christian*, Hans Kung diz que a mudança teológica ocorre em muitos, da mesma maneira que a ciência tem mudado através dos séculos. Em ambos os casos, a mudança em geral ocorre não porque uma nova idéia substitui a antiga, pelo simples peso de sua força explanatória, mas quando os defensores do ponto de vista antigo finalmente morrem.

Mesmo Einstein, foi para o seu leito de morte recusando-se a aceitar as embaraçosas e imprevisíveis conseqüências da teoria da quantum de Heisenberg, uma teoria aceita agora como muito mais útil do que o próprio ponto de vista de Einstein de um Universo inteiramente previsível. Às vezes, mesmo nossos mais célebres intelectos não acham fácil ser abertos e capazes de aprender.

Foi feita uma declaração em uma de minhas aulas para formandos do curso de filosofia, que jamais esqueci: "A marca distintiva do sincero pesquisador da verdade, é sua disposição de dar tanto peso quanto possível à evidência que disputa sua própria posição."

Para os talentosos e bem-treinados, as poucas tentações são mais irresistíveis do que adquirir força, pretendendo saber o que outros não sabem, mas que sabemos. Obrigando-nos a ouvir atentamente aqueles que discordam de nós, a respeitar a honestidade de sua pesquisa em favor da compreensão tanto quanto respeitamos a nossa própria, e a entender a imperfeição de nossas próprias opiniões, as palavras pronunciadas naquela aula definem a verdadeira pessoa educada. Elas não visavam desencorajar-nos de ser apaixonados.

nados por aquilo que cremos. Têm antes o propósito de conservar-nos humildes e capazes de aprender.

Devemos incentivar o inconformismo?

A socióloga David Riesman diz que a espécie de aluno que causa impressão mais favorável nos membros da faculdade é o aluno ligeiramente discordante ou "rebelde". Ela é a pessoa que estimula os recomendados para sociedades e ocupações: "Aqueles que sempre dizem 'sim', que concordam constantemente sem nenhum dissentimento crítico, finalmente não contribuem nem para sua sociedade, sua cultura, nem para sua religião."

Por outro lado, toda cultura até certo ponto ensina sua juventude a assegurar a continuação de seus valores. As sociedades democráticas, contudo, têm um problema segundo o qual ninguém pode garantir que os valores da sociedade sejam universalmente defendidos ou possam ser facilmente estabelecidos.

Qual, então, deve ser o objetivo da educação: persuadir os alunos a concordarem com a suposição básica de sua cultura ou ensiná-los a discordarem? É a pessoa educada essencialmente um conformista, um rebelde ou uma síntese dos dois?

Cumpra-nos aprender o que significa o *saber* e o *não saber*. Aqueles que não aprenderam a comprovar ou negar suas idéias, a avaliar o significado da evidência que pode ser conduzida em favor daquilo que eles pensam ou crêem, ou contra isso, são presa fácil do dogmatismo que, só neste século, já produziu o fascismo, o comunismo e as várias formas de fundamentalismos religiosos.¹

Os educadores que desejam produzir mentes flexíveis e complacentes, abertas a novidades, devem ser bastante corajosos para expô-las a idéias importantes "e muitas vezes desconfortáveis, se não inicialmente inaceitáveis".² Mediante esse processo, os alunos aprenderão que o saber inclui tanto concordar como discordar, certeza e tentativa. Aprenderão que as questões com as quais lutam são as mesmas que desafiaram Moisés, Platão, Aristóteles e mesmo Jesus. A universalidade e complexidade dessas questões nem sempre permitem respostas definitivas, mas apenas uma medida de sabedoria.

O mesmo problema que a educação enfrenta, a igreja também enfrenta. Os membros podem concordar basicamente sobre valores e teologia, mas a tradição judaico-cristã pressupõe liberdade demais para que pretendamos que podemos concordar com tudo. Na ver-

dade, essa espécie de assentimento seria desejável apenas se soubéssemos com certeza que todos os nossos valores e idéias são infalivelmente corretos. Se não pudermos afirmar isso, então devemos dizer que mesmo na igreja, a educação não existe apenas para se concordar, mas também para se discordar. Ela não pode limitar-se a uma das duas coisas.

O ideal é que ambas realmente se fundam em uma nova empresa — a investigação.³ No momento em que aceitamos o princípio da liberdade intelectual, entregamo-nos ao questionamento intrépido. E, se concordamos com o princípio protestante adicional da santidade do indivíduo, propomo-nos a respeitar, até onde nos for possível, a importância do julgamento pessoal.⁴

A educação, portanto, tem uma dupla função a desempenhar. Por um lado, ela educa para concordarem àqueles valores que compõem uma sociedade democrática ou igreja. Por outro, educa para dissentirem. Juntos, o que chamamos de "investigação", os dois expressam tudo na abertura em prol da investigação, reformulação e da reaplicação.

Os condescendentes rejeitaram a Jesus

A educação cristã deve avaliar de maneira especial esta questão, pois foi a falta de um espírito de investigação que levou à crucificação de Jesus.

Um dos propósitos do Evangelho de S. João é responder a perguntas como: qual a razão de tantos judeus rejeitarem a Jesus como o Messias; o que tornou alguns crentes e outros descrentes? Quando João conta a história, a aceitação ou rejeição de Jesus pelo indivíduo não está associada à educação ou classe social desse indivíduo.

Nos conflitos de Jesus com os judeus sobre o significado do sábado, está claro que a liderança O rejeitou porque Suas ações lhes contestavam o ponto de vista quanto à ortodoxia. Ele citava a evidência da Bíblia para justificar Seus ensinios; a mente, porém, lhes estava fechada. A tradição lhes regia o pensamento. Eles liam a mesma Bíblia que Jesus, mas a entendiam de maneira muito diferente. Com efeito, eles estavam dizendo: "Nossa interpretação tradicional de Moisés *não nos permitiria* vê-Lo como o Messias; portanto, Sua alegação está errada.

Este é sempre o resultado. Vemos na Bíblia aquilo que nosso ponto de vista presente nos permite ver, ou a menos de uma maneira vital, viva, que permite, se necessário, abalar nossas formulações presentes?



João declara que aqueles ouvintes de Jesus *não desejavam* entendê-Lo porque sabiam que o que Ele tinha a dizer era uma ameaça a suas opiniões. Crerem ou não nEle, não era apenas uma questão de entendê-Lo ou não, pois também os discípulos não O entendiam. Não, até quase no fim. Mas os discípulos *desejavam* fortemente entender — fossem quais fossem as conseqüências para suas crenças — e isto estabelecia a diferença. No Evangelho de São João, as pessoas não são julgadas por não entenderem, mas por não desejarem entender.

No capítulo 12 de seu evangelho, João fez suas alegações. A de que alguns não creram não por falta da parte de Jesus. Ele lhes deu abundantes evidências, mais do que qualquer mente aberta necessitaria. Eles, porém, *preferiram* não crer. Estavam decididos a não aceitar a evidência. A prova de sua obstinação repousa no fato de que não descansaram enquanto Jesus não foi morto.

A psicologia moderna chama a essa atitude de "fechamento", um fenômeno segundo o qual as pessoas acham a mudança de idéia tão ameaçadora que se apegam a seus pontos de vista e seus sentimentos, não importa quão falsos ou absurdos sejam eles.

Todos aqueles que desafiam idéias aceitas, pagam um preço; faz pouca diferença o que a cultura lhes causa. Seus nomes são legiões: Isaías, Sócrates, João Batista, João Huss, Mahatma Ghandi e Martin Luter King Júnior. Todos eles respeitaram suas tradições, mas não as consideraram como sacrossantas. "Concordamos com o que podemos", disseram eles, "e discordamos daquilo que devemos." Este é o espírito da inquirição e é alimentado pela convicção de que a verdade em si mesma é sempre infinitamente mais importante do

que nossas idéias quanto a ela.

Um dos ensaios formativos, no meu entender, foi "The Principle of Tolerance" (O Princípio da Tolerância), publicado em seu *The Ascent of Man* (A Elevação do Homem). Nele, o autor diz que o século XX nos levou a um impasse epistemológico. Agora sabemos que não podemos conseguir precisão na compreensão da matéria, que na melhor das hipóteses, temos compreensão dentro de limites toleráveis. Seja por que os componentes da matéria são pequenos demais para ser observados diretamente através dos microscópios, ou por que não podem ser determinados no mesmo instante em que sua velocidade está sendo medida, nossas teorias não podem ser verificadas ou refutadas em cada exemplo pela observação direta. Devemos, pois, contentar-nos com as interpretações que se assemelham a pinturas manchadas. Vemos os traços, mas estes não são distinguíveis.

O mesmo é verdade na religião e nas outras disciplinas ou nas artes liberais. A verdade e a realidade raramente são claras. Quando muito, nosso conhecimento pode apenas aproximar-se delas. Elas parecem sempre ser mais valiosas e mais complexas do que as idéias que delas temos. É por essa razão que pensar simplesmente sobre a verdade ou a realidade não é o bastante. Devemos experimentar, saber por intuição, dar saltos de imaginação que se arriscam contra uma maneira fundamentalista de ver as coisas.

Foi a falta de coragem para fazer isto — ou para permitir que outros o fizessem — que levou as massas a condenarem algumas das pessoas mais ilustres da História, pessoas que sabiam que cada resposta a uma pergunta é uma porta para dezenas de novas perguntas nunca dantes feitas; que a mente fechada aprisiona tanto o intelecto como o espírito, e que a abertura e a humildade sempre caracterizarão a verdadeira pessoa educada, especialmente se esta se diz cristã.

1. Uma das principais maneiras em que a educação impede um "adulto aquiescente" é mediante a exposição do aluno às humanidades. Como William Bennett escreveu, elas "nos dizem como os homens e as mulheres das nossas civilizações e de outras, têm lutado corpo a corpo com as perguntas duradouras e fundamentais da vida: O que é justiça? O que deve ser amado? O que merece ser defendido? Que é coragem? O que é nobre? O que é vil? Por que florescem as civilizações? Por que declinam? "Reclamar um Legado: Texto da Reportagem sobre Humanidades em Educação Superior", *The Chronicle of Higher Education*, 28 de novembro de 1984, pág. 17.

2. *Idem*, pág. 21.

3. John Wain, "The Dilemma of Youth" *Adventures of the Mind*, eds. Richard Thruelsen e John Kober (Nova Iorque: Curtis Publishing Co., 1961), pág. 638.

4. *Ibidem*.

A Cultura Condiciona Nossa Compreensão das Escrituras

Enquanto os ocidentais têm a tendência de fazer perguntas históricas sobre as Escrituras, o povo hmong quer saber de seu poder, e os chineses de seu pragmatismo.

Meus alunos de Bíblia têm demonstrado que o condicionamento religioso e cultural das pessoas afeta a maneira como estas se relacionam com as Escrituras. O que eles me têm ensinado, serviu para aumentar o meu interesse pelas Escrituras.

Os estudos do caso de um trio de culturas religiosas, formam o esboço deste estudo. Constitui assunto de discussão, a maneira como cada cultura se relaciona com a história do Antigo Testamento sobre José.

Caso 1 — Estudantes Ocidentais

Os primeiros e mais patentes são os meus alunos do Walla Walla College, a maioria de formação cristã conservadora. Acho que meus alunos estejam relacionados principalmente com a *história* de José. O que eles querem ouvir são os fatos históricos sobre a vida de José. Quais eram os costumes da época? Quem era o Faraó quando José desceu para o Egito? Quem eram os midianitas e de onde vieram? Quando ocorreu tudo isto? Os mais corajosos podem perguntar: "Aconteceu realmente esta história? É José uma pessoa real?"

Para eles, o conhecimento desta história desempenha duas funções principais: Explica a história, esclarecendo pormenores e dando a origem, e ajuda a demonstrar (ou não demonstrar) a realidade dela. Essa factualidade cria uma base para sua crença na Bíblia como texto sagrado.

Meus alunos são crentes conservadores na Bíblia, mas eles não são os únicos a fazer perguntas históricas. *Todos* os tipos de cristãos e não cristãos na América do Norte fazem as mesmas espécies de perguntas. Alguns americanos não aceitam nada da Bíblia como histórico e a negam como texto sagrado; alguns a aceitam nos mínimos detalhes como histórica; e há todas as espécies de nuances e variações entre estes dois extremos. Todos, porém, fazem a mesma espécie de pergunta — a pergunta histórica.

Mesmo os estudiosos ocidentais da Bíblia, academicamente preparados, fazem ponderações sobre a mesma questão. Eles diferem apenas ao fazer a pergunta de maneira mais profunda e mais persistente. Eles não fazem pergunta apenas sobre a história em si mesma, mas vão além na investigação da narrativa do *texto* que conta a história. E perguntam sobre os fatores que deram origem tanto ao texto como à história.

Meus alunos ocidentais procuram aplicar a história em termos de ética *pessoal*. Mencionam José, e a primeira coisa sobre que pensam é em seu encontro com a mulher de Potifar. Para eles, a história de José ensina castidade e outros princípios morais.

Eles esperam então que, como professor de Bíblia do colégio, eu vá além da simples narrativa que eles já ouviram muitas vezes desde a infância, de maneira certa, quase prescrita. Esperam que lhes traga fatos mais ex-

tensos com relação ao fundamento histórico e indique as maneiras de aplicar a história à moralidade pessoal.

Caso 2 — Os Hmongs

Os hmongs são para a maior parte iletrada, adoradores animistas de espíritos. Originários da China, sua terra natal se estende através das regiões montanhosas do norte daquele país e vai até o Laos e a Tailândia. Eles mantêm um relacionamento de amor e ódio para com os espíritos aos quais servem. Esses espíritos, que trazem tanto o bem quanto o mal, devem ser tratados com cuidado. Na história da Bíblia eles reconhecem imediatamente um conflito entre o velho e o novo — o único grande Deus da Bíblia *versus* os muitos espíritos.

Eles não podem ler, fazer pesquisas de biblioteca ou avaliação da verdade com base na história. O conflito entre o método do espírito e o método da Bíblia deve ser resolvido por outros meios. O método mais comum é o encontro de forças entre os dois. Pode o Deus da Bíblia realmente interpretar sonhos, quando o curandeiro não pode? Pode Deus curar, quando os médicos se mostram incapazes, e proteger das bruxas e maldições do espírito? Se a resposta for sim, as alegações da Bíblia são verdadeiras e a história se torna autorizada. Para estas pessoas, histórias como a da interpretação do sonho de Faraó por José são muito significativas.

A nova Escritura, contudo, é ouvida, não lida. Como podeis crescer em entendimento se não podeis ler mais livros sobre aquilo em que estais interessados? Em primeiro lugar, *ouvindo* atentamente. Esses iletrados possuem memória fenomenal. (Jamais confundir falta de instrução com falta de inteligência.) Eles decoram, repetem e acalentam a Escritura.

Diálogos posteriores revelaram três principais maneiras em que eles provavam a Bíblia. A primeira era a coerência de sistema. Tomar uma doutrina ou idéia e prová-la, não os convencia. Eles queriam ver se a Bíblia tinha sentido como sistema de verdades.

A segunda prova relacionava-se com o pragmatismo da Bíblia. Eles queriam saber se o que era ensinado beneficiava a vida cada dia. Tradicionalmente, as religiões chinesas, e em especial a tradição confuciana, estiveram sempre relacionadas com este mundo. Eles não se preocupavam primordialmente com interesses dogmáticos ocultos, mas com a ética, o governo, a sociedade e a família. A mensagem da Bíblia deve relacionar-se com estas questões, do contrário ela permanecerá como um livro respeitado, mas morto.

Com relação à história de José, os alunos chineses seriam impressionados com José como um homem de êxito em todas as áreas da vida. Ele chegou a um posto elevado no governo, ficou rico, teve sucesso em sua relação tanto com seu próprio povo como com os egípcios, e foi bem-sucedido como um pai de família. Ele foi um homem notável. Eles perguntariam: Corresponder ao Deus da Bíblia significa que podem acontecer coisas semelhantes na vida das pessoas hoje? Se seguir a Bíblia produz, de fato, pessoas como José, ela possui mérito.

A terceira prova é a vida do professor. Como os fiéis indianos, os chineses religiosos têm uma longa tradição de *gurus*. Aquele que conta a história, não pode apartar-se da mensagem, de maneira que os chineses sondam o professor, bem como sua mensagem. Se o professor não se amolda à mensagem, eles rejeitam a ambos.

Lembro-me especialmente de um jovem cingapureano que visitou muitas vezes a nossa casa. Ele era calmo, e nas primeiras vezes que veio, esforcei-me heroicamente para manter a conversação, de acordo com a tradição ocidental. Houve, amiúde, longos períodos de silêncio. Muitas vezes a frustração se apoderou de mim, a ponto de eu desejar dar pulo e gritar. Finalmente, aprendi que ele não esperava que eu falasse todo o tempo. Nem mesmo necessitava de que me assentasse com ele. Eu poderia ir para meu trabalho e deixá-lo ali.

Um dia dominei os nervos para perguntar, de maneira tão cortês e sutil quanto possível, a finalidade de sua visita. Sorrindo, ele disse: "Nós, chineses, não aceitamos as pessoas facilmente. Queremos ver primeiro como são realmente. A única maneira que temos de fazer isso é ir a sua casa, sentar-nos e observar durante um longo período de tempo."

Nunca tive a coragem de perguntar se sua pesquisa era em seu próprio benefício ou se ele representava um grupo de pessoas!

Para os chineses, portanto, a Bíblia é autorizada se um sistema coerente, se é aplicável a cada dia de vida em muitas áreas e se o professor personifica a mensagem. O professor é, antes de mais nada, um modelo — a personificação da mensagem de maneira prática na vida.

Estes estudos mostram como a religião e o condicionamento cultural das pessoas afetam o modo como estas entendem as Escrituras e delas se aproximam. Nossas diferentes situações nos afetam de maneira tão fundamental que muitas vezes deixamos de perceber nossa tendência — ou tratar com ela em nos-

so relacionamento com os outros.

Em particular os norte-americanos, deveriam examinar os pontos de vista alheios com humildade. Temos a tendência de considerar nossa maneira de aproximar-nos das Escrituras, e em especial nossas questões históricas, como uma aproximação superior. Pergunto se nosso acesso nos tem dado uma compreensão melhor da Bíblia como livro sagrado do que aos hmongs ou chineses?

O simples fato de que para nós a Bíblia é basicamente um documento de *estudo*, em muitos sentidos nos cega. Somos vítimas daquilo que Hans Reudi-Weber chama de "ca-

tiveiro de Gutenberg" da Bíblia.¹ E nossa errada tentativa analítica de acesso à Escritura pode levar-nos a outra cilada.²

Em resumo, meu encontro com outras religiões me tem ensinado a duvidar do alento e alcance da metodologia de que tanto minha cultura como minha educação superior me têm impregnado. Estas dúvidas são a parteira que facilita o nascimento de novas maneiras de apresentar a Palavra eterna.

1. Ver seu livro *Experiments in Bible Study* (Westminster, 1981), pág. 2-42.

2. Ver Walter Wink, *Transforming Bible Study* (Abingdon, 1980).

Willard Santee — Pastor da Associação da Pensilvânia

Da Amargura Para a Reconciliação

O que levou um pastor a deixar sua igreja e fundar um ministério independente? Por que finalmente ele resolveu retornar à ocupação da igreja?

Deixei o pastorado da Igreja Adventista do Sétimo Dia determinado a reformar a igreja. Dei início ao meu próprio ministério independente com a costumeira circulação de cassetes e panfletos, atacando o que eu considerava abusos da igreja.

Por que deixei, você pode perguntar, e por que abandonei a senda do autoproclamado reformador para retornar ao ministério pastoral adventista?

Como poderia eu, nascido em um lar cristão, descendente de um dos fundadores da Igreja Adventista e ministro ordenado, rebelarme contra irmãos com os quais trabalhei por décadas?

O sábio Salomão declarou: "Todos os caminhos do homem são limpos aos seus olhos, mas o Senhor pesa os espíritos" (Prov. 16:2) — os pensamentos e intenções do coração.

Muitas vezes citei que "há caminho que ao homem parece direito" (Prov. 14:12), mas deixei de aplicar isso ao meu próprio caso. E que ministro não conhece o apelo de Isaías ao arrependimento: "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos... porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor" (Isaías 55:7 e 8)?

Enquanto aplicava estes textos a minha congregação, eu deixava de aplicá-los a mim mesmo. Esta é a natureza do preconceito: deixamos de ver em nós mesmos o que vemos de maneira tão clara nos outros. A admoestação: "Todos os seus atalaios são cegos, nada sabem; todos são cães mudos, não podem ladrar... eles são pastores que nada compreendem" (Isaías 56:10 e 11) era aplicada a meus colegas de ministério que eu sentia claramen-

te não serem tão fervorosos em sua pregação quanto eu.

Onde começa tal senso de justiça própria? Originalmente ele começou na mente de Lúcifer, que o transmitiu a Adão e Eva, os quais, por sua vez o transferiram para as gerações seguintes até cada um de nós que vivemos hoje.

As raízes de meu preconceito

Nascido na Califórnia e criado no nordeste do Pacífico, cresci com a crença de que tinha os melhores pais, pertencia à maior nação sobre a Terra, recebi a mais fina educação cristã, era um verdadeiro membro da Igreja remanescente, tinha fé inabalável no Espírito de Profecia e não tinha nenhum preconceito contra outros grupos étnicos.

No começo do meu ministério, cegado por meu fanatismo, eu nutria idéias preconcebidas com relação a várias pessoas, raças e religiões. É surpreendente que eu ministrasse bem o que fazia.

Os conflitos íntimos encontravam expressão crescente em minha pregação. Eu martelava em casa a necessidade de reforma da igreja, desafiando o pobre e fatigado rebanho de Deus a subir cada vez mais alto, de maneira que pudesse encontrar a paz interior e a aceitação de Deus que eu buscava de maneira tão desesperada.

Temendo admitir estas frustrações, eu não ousava revelar a existência de sentimentos de culpa e insuficiência que me afligiam. Reconhecer abertamente tais temores poderia custar meu emprego. Eu era um ministro cuja imagem devia ser preservada. Supunha-se que eu tinha todas as respostas.

Cria eu que o pastor devia ser embaixador de Deus — um exemplo em todas as coisas, que mantivesse elevadas as normas de integridade. Supunha-se que o pastor devia amar a todos, sem levar em conta raça ou classe social; aqueles que o apoiavam, bem como os que a ele se opunham. Ele devia ser honrado e respeitado por todos e apresentar um exemplo de vida firme em Deus.

Acreditava naqueles ideais que, embora considerados como pequenos, eu os praticava. A pergunta que me perseguia, era: Como poderia apresentar a minha congregação alguma coisa que eu não era?

Transferência

Embora não fosse reconhecido como tal na ocasião, eu praticava o que os psicólogos cha-

mam de "transferência". Os temores e culpas internos eram transferidos para os membros da igreja e o corpo organizado. Isto me trazia uma estranha espécie de paz, pois eu não mais necessitava lidar com o problema; os problemas ficavam com a igreja: *eles* eram culpados diante de Deus. Por isso, *eles* deviam reformar-se. *Eles* deviam mudar. Enquanto eu falava contra a igreja não precisava lidar comigo mesmo.

Como eu gostaria de ter entendido a exortação seguinte: "Surgirão continuamente coisas que causem desunião, afastem da verdade. Esse questionar, criticar, acusar, julgar a outros, não é prova da graça de Cristo no coração. Não produz unidade. Tal obra tem sido desenvolvida no passado por pessoas que professavam ter maravilhoso esclarecimento, quando se achavam afundadas no pecado."¹

Assim era eu! Exigiu muito conflito e o passar dos anos, o reconhecer este fato. De muitas maneiras maravilhosas, meu Pai celestial me tem revelado tais coisas.

Falhas do ministério

Meu ministério não tinha senão cinco anos, quando o véu caiu. Diante da opção de tomar uma licença ou ser interrompido, escolhi a licença. Quando um túnel de trevas sepultou minha família, vivi o horror de que eu existia apenas para censurar. A separação do ministério pastoral parecia tão-somente alimentar a frustração. Eu acreditara, desde os 18 anos de idade, que Deus me havia chamado para o ministério evangélico; agora, porém, punha em dúvida este chamado.

Amargura, rejeição, culpa, solidão e fracasso pareciam ter feito um concerto permanecer comigo, contagiando minha esposa e filhos, bem como a mim mesmo. Eu, porém, estava decidido a aprender daquela experiência, por dolorosa que ela fosse. Passaram-se dois anos de sofrimento e busca antes que eu me sentisse pronto para tentar novamente.

Fui chamado para outra associação, apenas para descobrir que enquanto muita coisa havia mudado, muita coisa permanecia inalterada. Deus permitiu que as mesmas questões se me apresentassem. Consistiam em saber se o Senhor me estava provando para ver se eu aprendera a lição e amadurecera.

Um segundo pedido de demissão

Os meses se transformaram em anos e os milagres tomaram o lugar das derrotas. Depois, tão rapidamente como se haviam aber-

to, as portas se fecharam. Preguei meu último sermão e dei minha última classe bíblica. Eu estava "apagado" aos 35 anos de idade, e tinha apenas alguns meses de vida. Tinha um melanoma maligno.

Conquanto este segundo pedido de licença fosse por questões de saúde, todas as dúvidas e interrogações antigas me inundaram de novo a mente. Sentia-me diminuído pela falta de interesse expressa pela associação. De novo, surgiram as interrogações — a respeito do meu chamado para o ministério; da igreja e seus ensinamentos; até mesmo se afinal Deus existia. Estive realmente na encruzilhada da vida.

Deveria eu agora relacionar-me com minha depressão, frustração e sentimento de culpa desta vez? Transferiria de novo meus temores para os outros, ou os levaria a Jesus e os deporia aos pés da cruz? Eu havia pregado aos outros a teoria de que as pessoas devem deixar seus fardos no Calvário, mas, quão diferente era ao se tratar de aplicar a mensagem a minha vida! A taça parecia cheia demais para ser sorvida — eu ainda não havia aprendido a lição de confiar todos os meus cuidados a Jesus.

Ministério independente

Eu estava certo de que a igreja precisava de reforma. Preparei uma série de sermões de maneira impressa e em cassetes, e os espalhei por toda parte. Todos os problemas encontrados, todas as perguntas não respondidas, todas as dúvidas não dissipadas foram expressas naquelas mensagens. Elas, porém, não ofereciam nenhuma resposta, pois eu não tinha nenhuma. Contudo, as mensagens eram revestidas com a roupagem da piedade religiosa. Uma vez mais eu recorrera ao método de transferir a culpa. Enquanto usava a Bíblia para justificar meus atos, tornara-me tão à vontade com minha técnica, que levou vários anos para que Deus me convencesse dos meus erros.

O Salvador esperou pacientemente durante todo o tempo por mim, a fim de abrir minha mente fechada e justa aos próprios olhos. Pois eu estava sendo usado por outro poder: "É desejo e plano de Satanás trazer para o nosso meio aqueles que irão a grandes extremos — pessoas de mentes estreitas, críticas e mordazes, e muito obstinadas em manter suas próprias convicções do que significa a verdade. Elas serão exigentes e procurarão impor os deveres religiosos, e irão a grandes extremos em questões de pouca importância, enquanto negligenciam os assuntos mais significativos da

lei — o juízo, a misericórdia e o amor de Deus. Por meio do trabalho de umas poucas pessoas dessa espécie, todo corpo dos guardadores do sábado será apontado como extremista, farisaico e fanático....

"Deus tem uma obra especial para ser realizada por homens de experiência. Cumpri-lhes defender a causa de Deus. Devem perceber que a obra de Deus não é confiada a homens que consideram ser privilégio seu agir de acordo com seu próprio juízo independente, pregar tudo o que lhes agrada e não dar satisfação a ninguém de suas instruções ou trabalho. Fosse permitido que este espírito de auto-suficiência reinasse algum dia entre nós, e não haveria nenhuma harmonia de ação, nenhuma unidade de espírito, segurança alguma para a obra e nenhum crescimento saudável na causa.... Cristo orou para que Seus seguidores fossem um como Ele e o Pai são um. Aqueles que desejam ver respondida esta oração, deveriam procurar desestimular a mais leve tendência de distanciamento e procurar manter o espírito de união e amor entre irmãos."²

O espírito mau falou por meu intermédio. Sei que "a mensagem do Mestre deve ser declarada no espírito do Mestre".³ E estou convencido de que "... o espírito que manifestamos para com os irmãos revela qual é o nosso espírito para com Deus."⁴

Foi difícil admitir que meu espírito estivesse do lado do espírito do maligno, embora lá no íntimo eu soubesse que eram o ressentimento guardado, a amargura e o ódio para com certas pessoas da igreja.

Reconciliação

Foram-me dados seis meses de vida, mas graciosamente o Senhor dilatou a minha vida. Um período de recuperação deu tempo para reflexão. Durante esse tempo, o Senhor colocou-me em contato com três pessoas que demonstraram o incondicional amor de Deus como eu jamais conhecera antes. Elas se atreveram a aproximar-se e abraçar-me sem temor de contaminação ou sem se preocuparem com o que os outros pudessem pensar. Elas me aceitaram assim como eu estava — rançoso e orgulhoso.

A primeira pessoa especial foi um jovem pastor não ordenado que jamais discutia comigo, não importava quanto eu o desafiasse. Usei vários artifícios que, sabia, poderiam levá-lo a debate e a defender a igreja; ele, porém, ignorava todas as questões secundárias a ele apresentadas. Nova tentativa, e de novo ele

se recusava a tomar partido, o que eu interpretava como covardia. Contudo, ele jamais se desviava de sua missão, a fim de demonstrar que realmente cuidava de mim como uma pessoa.

Eu não estava preparado para receber essa espécie de amor, pois nunca dantes o experimentara. Nenhum argumento havia que pudesse ser usado contra ele. Se eu pudesse ter tal amor, pensava, nunca mais seria o mesmo. Mas enquanto ansiava por ele, externamente continuava a combatê-lo.

Durante meu ministério, distanciei-me de um evangelho de amor, que acreditava ser superficial e sem significado real. Talvez houvesse um tipo de procedimento errado com respeito ao amor, mas achava eu que o que estivera combatendo era algo que se não podia ensinar, legislar ou ordenar. Felizmente, porém, pode ser experimentado. Encontrar tal amor, suscita amor.

Um obreiro semi-aposentado, da associação, foi a segunda pessoa a revelar esse amor incondicional. Ele poderia estar gozando sua aposentadoria, mas preferia o ministério da reconciliação, no qual encontrava maior felicidade ainda. Considerou-me um irmão, desde a primeira vez que nos encontramos. Minha atitude negativa não parecia importuná-lo. Pelo contrário, conhecia muitos erros que a igreja havia cometido, e chocou-me, acrescentando outros a respeito dos quais eu nada sabia; todavia, ainda falava bem de seus irmãos.

Como podia amar-me tal homem de Deus, de princípios tão elevados? Haveria realmente espaço na igreja de Deus para todos nós? Poderia eu ainda pertencer a ela?

Visitamo-nos muitas vezes. Ele aqui esteve durante vários períodos críticos, para orar comigo e dar-me a certeza de que nossa amizade era verdadeira. Seu amor era incondicional.

Um antigo professor de colégio, foi a terceira pessoa especial que teve influência em mi-

nha vida. Nós nos entendíamos, por causa de nosso desejo natural de encontrar respostas que surtisses efeito. Juntos, fizemos uma jornada espiritual, examinando as páginas das Escrituras. Algumas de minhas indagações eram iguais às suas.

Certa tarde, enquanto estudávamos juntos, pareceu que nossas mentes foram simultaneamente impressionadas. Uma compreensão maior do amor incondicional inundou de tal maneira nossa mente que nossos olhos se encheram de incontidas lágrimas.

Desde aquele momento, tenho encontrado outros que têm demonstrado esse mesmo amor incondicional — esse amor que unirá um dia todo o povo de Deus.

Não procurei intencionalmente dividir minha igreja e criar problemas adicionais para seus líderes, embora tivesse criado. Mesmo achando que estava apenas buscando respostas para perguntas não respondidas, eu estava errado. Esquecera-me das palavras das Escrituras, que dizem que o coração do homem é "enganoso mais do que todas as coisas, e perverso" (Jer. 17:9).

Meu aprendizado não terminou. Faz apenas um ano que Deus me reconduziu ao ministério pastoral e a uma igreja rancorosamente dividida. Tendo andado em amargura, sabia como se sentiam aquelas pessoas. Orei em favor do mesmo amor desinteressado que me foi manifestado. Pela graça transformadora de Deus, tenho visto ocorrerem grandes milagres na comunidade da igreja. Prevalece a unidade em amor e tem lugar a reconciliação, resultando no crescimento da igreja e no aumento da freqüência.

E que satisfação é poder constatar isto! Certamente Deus deu a cada um de nós o ministério da reconciliação.

1. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, pág. 79.

2. *Review and Herald*, 29 de maio de 1888.

3. *Testimonies for the Church*, vol. 7, pág. 266.

4. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 485.

Ano 2000. Angústia ou Esperança?

O futuro sem segredos.

Tem a Igreja Autoridade?

O que Ellen White quis dizer quando declarou que a Associação Geral já não era a voz de Deus na Terra?

Periodicamente, em toda a nossa história, indivíduos se têm levantado, alegando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia apostatou. Tirando do seu contexto declarações do Espírito de Profecia, eles apresentam "evidência" de que a igreja se tornou Babilônia; e de que a voz de Deus já não pode ser ouvida nas decisões da Associação Geral.

Visto que estas acusações são repetidas hoje, parece apropriado recapitular os acontecimentos históricos que levaram aos primeiros clamores: "Babilônia — sai dela povo Meu!"

Depois de 1844, aquela pequena organização que existia nas igrejas adventistas era, por natureza, congregacional. Cada igreja e grupo que emergia, era uma lei para si mesmo. A crença no Segundo Advento, no sábado, na obra sumo-sacerdotal de Jesus no santuário celestial e no Espírito de Profecia conservava juntas essas entidades sagradas em razoável união. Todavia, a fim de desempenhar sua missão mundial, os crentes do Advento necessitavam de melhor organização.

No início dos anos 1850, Deus tornou conhecida Sua vontade com respeito à organização do movimento que se desenvolvia. Quando, porém, Tiago e Ellen White falaram dos méritos da organização e apelaram aos irmãos nesse sentido, expressaram-se receios de que, se os crentes do Advento tomassem parte na organização formal da igreja, eles se tornassem parte de Babilônia. Ellen White mostrou em 1861 que, mesmo sem uma organização formal, esses temores já se haviam manifestado. Em "3 de agosto de 1861, foi-me mostrado que alguns têm receado que nossas igrejas se tornem Babilônia, caso se organizem; aqueles, porém, que estão no centro de Nova Iorque já se tornaram autêntica Babilônia, confusão."¹ Ela advertiu: "...A menos que as igrejas sejam tão organizadas que possam cumprir e dar ordem, nada têm por

que esperar no futuro; transformar-se-ão em fragmentos."²

Em 1901, ao olhar retrospectivamente para aqueles primeiros anos, Ellen White escreveu: "Enquanto nossos membros aumentavam em número, tornava-se evidente que sem alguma forma de organização haveria grande confusão e a Obra não seria levada avante com sucesso. Para prover o sustento do ministério, levar a obra a novos campos, proteger tanto as igrejas como o ministério, de membros indignos, assegurar as propriedades da igreja, a publicação da verdade pela imprensa e muitos outros assuntos, era indispensável a organização."³

A voz de Deus

Após a organização da Associação Geral em 1863, Ellen White falou da autoridade da igreja como sendo a voz de Deus. Em 1875 ela escreveu a um irmão que se orgulhava de sua independência: "Deus investiu Sua igreja de autoridade e poder especiais, aos quais ninguém pode ser justificado ao desatender e desprezar, pois, em assim fazendo, despreza a voz de Deus."⁴

Ao escrever de novo ao mesmo homem, disse ela: "Foi-me mostrado que nenhum julgamento humano deve submeter-se ao julgamento de um só homem. Quando, porém, o julgamento da Associação Geral, que é a mais alta autoridade que Deus tem na Terra, é exercido, a independência pessoal e o julgamento particular não devem ser mantidos, mas submetidos. Vosso erro foi manterdes persistentemente vosso julgamento pessoal do dever contra a voz da mais alta autoridade que o Senhor tem na Terra."⁵

Depois da sessão da Associação Geral de 1888, houve uma mudança decisiva na atitude de Ellen White para com a voz da Associação Geral. Entender a dinâmica do que

aconteceu durante a década de 1890 e as circunstâncias sob as quais Ellen White escreveu, podem eliminar a confusão que hoje existe.

Abuso de poder

Na Associação Geral de 1888, na qual A. T. Jones e E. J. Waggoner apresentaram suas mensagens sobre justificação pela fé, O. A. Olsen foi eleito presidente. É bem conhecida a oposição àquelas mensagens por parte de certos indivíduos-chave. Olsen escolheu dois homens dentre aqueles que não simpatizavam com aquelas mensagens e fez deles seus principais conselheiros — A. R. Henry e Harmon Lindsay. Por causa de suas várias responsabilidades na Associação Geral e nos escritórios da *Review*, e em virtude de sua forte personalidade, eram capazes de fazer com que as várias mesas e comissões oscilassem, aceitando sua linha de pensamento.

Reiteradas vezes Ellen White escreveu a Olsen, advertindo-o contra o conselho daqueles homens. Eles não só estavam levando Olsen para o seu lado, mas influenciando outros a tomarem decisões erradas. Os seguintes problemas foram isolados por Ellen White durante a posse de Olsen: 1) decisões votadas por mesas não foram deliberadamente executadas pelos que tinham a responsabilidade de sua implementação (*MS.33*, 1891); 2) Olsen tratava Henry e Lindsay como representantes e os enviava por todo o campo para dar conselho, representantes "a quem as pessoas deveriam ouvir e mostrar respeito como a voz de Deus na conferência" (*LT. 2*, 1894); 3) esses homens exerceram sua autoridade com "régio poder" (*MS. 43*, 1901); 4) enquanto ligados à *Review*, aqueles homens lidaram com os que deviam receber direitos autorais, de maneira não cristã (*LT. 7*, 1896); 5) recusaram-se a ser modelados pelo Espírito Santo e deixaram de obedecer à palavra de Deus (*LT. 4*, 1896); 6) as decisões para toda a obra eram tomadas por um punhado de pessoas que estavam sob a influência daqueles homens (*MS. 33*, 1891).

Embora em 1897 Ellen White considerasse a Associação Geral e as decisões por ela tomadas como "a voz da mais alta autoridade que o Senhor tem na Terra", menos de vinte anos depois sua atitude era muito diferente.

Após 1901

Quando a Igreja se reuniu para a sessão da Associação de 1901, Ellen White ressaltou a

urgência de reorganização: "Que aqueles homens ocupassem um lugar sagrado, fossem como a voz de Deus para o povo, como acreditávamos fosse outrora a Associação Geral — isto está no passado. O que desejamos agora é uma reorganização. Queremos começar pela base e construir sobre princípios diferentes."⁹

Nessa reorganização via ela a perspectiva de quebrantar o poder dos que ela considerava despenseiros infiéis. Suas esperanças se concretizaram. A Comissão da Associação Geral foi aumentada para incluir representantes do campo mundial. O Pastor A. G. Daniells foi eleito presidente. As entidades independentes foram colocadas sob a liderança da Associação Geral e foram criados departamentos para dirigir o trabalho dessas entidades, entre as quais a obra médica. Criaram-se associações-uniões e as decisões diárias do funcionamento da obra mundial foram atribuídas ao campo local e às associações-uniões.

Ao olhar de maneira retrospectiva para aquela sessão histórica, escreveu Ellen White: "Toda vez que penso naquela reunião, apodera-se de mim uma doce lembrança e transmite a minha alma um forte sentimento de gratidão."¹⁰

Todavia, alguns meses mais tarde Deus lhe revelou que era Sua intenção fazer muito mais na sessão da Associação Geral de 1901. A percepção de que o povo de Deus não alcançara plenamente o que Deus desejava, trouxe-lhe pesar ao coração. Ela descreve o que Deus lhe revelara e a agonia do desapontamento que sentiu, em "What Might Have Been" (O Que Poderia Ter Sido).¹¹

Seja como for, as falhas organizacionais que permitiram a certos homens agirem de tal maneira que levou Ellen White a dizer que já não podia considerar as decisões da Associação Geral como a voz de Deus, foram corrigidas.

Edson, filho de Ellen White, magoado por alguns tratamentos injustos que havia sofrido da parte da *Review* antes de 1901, buscava compensação. Sua mãe escreveu-lhe: "Estou muito oprimida novamente ao vê-lo selecionar palavras de escritos que lhe tenho enviado, e usá-las para forçar decisões que os irmãos não vêm com clareza.

"Sua conduta teria sido a conduta a ser seguida, não se houvesse feito nenhuma mudança na Associação Geral. Foi, porém, feita uma mudança, e muitas outras serão feitas, e serão notados grandes avanços.

"Aflige-me pensar que você está usando palavras que escrevi antes da Conferência.

Desde a Conferência, grandes mudanças foram efetuadas.

“Seguiu-se no passado um procedimento terrivelmente injusto. Revelou-se falta de princípio. Mas com dó do Seu povo, Deus efetuou mudanças.

“O procedimento que poderia ter sido necessário antes da Conferência, já não o é mais; pois o Senhor mesmo Se interpôs para colocar as coisas em ordem. Ele concedeu Seu Espírito Santo. Estou confiante em que Ele porá em ordem os assuntos que parecem estar saindo errados.”¹²

Desde 1901 até o fim, Ellen White falou de maneira positiva com respeito ao futuro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Em 1905, escreveu ela: “Não podemos desviar-nos agora do fundamento estabelecido por Deus. Não podemos agora entrar em nenhuma nova organização; pois isto significaria apostasia da verdade.”¹³

Em 1908: “Sou instruída a dizer aos adventistas do sétimo dia em todo o mundo: Deus chamou-nos como um povo para sermos-Lhe particular tesouro. Ele designou que Sua igreja na Terra esteja perfeitamente unida no Espírito e conselho do Senhor dos exércitos até ao fim do tempo.”¹⁴

Em 1909 ela escreveu novamente sobre a autoridade da Associação Geral quando em sessão: “Às vezes, quando um pequeno grupo de homens encarregado da administração geral da obra tem, em nome da Associação Geral, procurado levar avante planos insensatos e restringir a obra de Deus, tenho dito que já não podia considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Isto, porém, não quer dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de homens de todas as partes do campo, devidamente indicados, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos em uma Conferência Geral, tenham autoridade. O er-

ro que alguns estão em perigo de cometer está em confiar à mente e ao julgamento de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a medida completa da autoridade e influência de que Deus investiu no julgamento e voz da Associação Geral reunida para fazer planos em favor da prosperidade e avanço da obra de Deus.”¹⁵

Pouco antes da morte de Ellen White, W. C. White disse: “Durante nossa conversação, falei com ela (Lida Scott) de como mamãe considerava a experiência da igreja remanescente, e de seu ensinamento positivo de que Deus não permitiria que esta denominação apostatasse de tal maneira que fosse preciso surgir outra igreja.”¹⁷

Três pontos emergem de nosso estudo: 1) Quando dois ou três homens dominaram o processo de tomar decisões da Associação Geral nos anos 1890, Ellen White não pôde considerar a voz da Associação Geral como a voz de Deus. 2) Precisamente nessa época (na década de 1890) ela defendeu a igreja contra aqueles que queriam destruí-la chamando-a de Babilônia e apelando para que o povo de Deus dela saísse. 3) Deus não permitirá que a igreja adventista do sétimo dia apostate a tal ponto “que haja necessidade de surgir outra igreja”. Ao invés disso, a igreja irá até o fim.

Bibliografia

1. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 1 (Mountain View, Califórnia: Pacific Press Publishing Association, 1948), pág. 270.
2. *Ibid.*
3. *Testemunhos Para Ministros*, pág. 26.
4. *Testimonies for the Church*, vol. 3, pág. 417.
5. *Ibid.*
6. Manuscrito 33, 1891.
7. *Ibid.*
8. Manuscrito 21, 1893.
9. *General Conference Bulletin*, 3 de abril de 1901.
10. *Review and Herald*, 26 de novembro de 1901.
11. *Testimonies for the Church*, vol. 8, págs. 104-106.
12. Manuscrito Release 174, também em A. V. Olsen, *Through Crisis to Victory*, págs. 194 e 195.
13. Mensagens Escolhidas, Livro 2, pág. 390.
14. *Idem*, pág. 397.
15. *Testimonies for the Church*, vol. 9, págs. 260 e 261.
16. *Life Sketches*, págs. 437 e 438.
17. Arthur L. White, Ellen G. White, *The Later Elmshaven Years*.

**Quem de bons livros se alimenta,
boa saúde experimenta.**

O Alerta da Segunda-Feira Negra

Em 19 de outubro — agora chamado de Segunda-Feira Negra — a comunidade de negócios de todo o mundo votou com uma indicação de pessimismo fora do comum, sobre a saúde futura do comércio mundial.

Só o colapso financeiro do mercado de valores de 1929 pode ser comparado à Segunda-Feira Negra, em situação de desespero comercial. Pode-se dizer que a deficiente saúde econômica do mundo, prevista pelo colapso financeiro de 1929, contribuiu também para a pior tragédia mundial já ocorrida — a II Guerra Mundial.

A Segunda-Feira Negra ocorreu, não por causa de más novas repentinas, mas decorrente da cabal compreensão de que o mundo já não seria capaz de conservar os seus bons tempos. Os gastos excessivos, feitos pelos Estados Unidos; a ameaça de outra guerra no Oriente Médio; a incapacidade dos países do terceiro mundo de pagar suas enormes dívidas no estrangeiro, e o aumento excessivamente otimista nos preços de mercado — tudo contribuiu com seu peso cumulativo para a perspectiva de mercado observada na Segunda-Feira Negra.

Existem hoje poucas dúvidas da parte dos líderes pensantes, de que o mundo enfrenta tempos ainda mais difíceis. Aumentam com rapidez os indícios de mudanças pressagas nas condições climáticas, nas convulsões sociais em número sempre crescente de países, e explosões populacionais em áreas já subnutridas, para uma economia universal anêmica e interdependente.

Dessa forma, qual é o significado da Segunda-Feira Negra para nós, que defendemos um ponto de vista escatológico do futuro?

Em São Mateus, capítulo 24, os discípulos mostravam a Jesus a glória do templo; vemo-Lo, porém, responder com uma advertência

destinada ao momento em que sua glória haveria de desvanecer-se: "Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra...¹ Interrogado logo depois pelos discípulos quanto aos acontecimentos do fim do tempo, fala dos falsos cristos com suas soluções inúteis, que apareceriam durante os difíceis tempos de guerra, fome e terremotos. Após esses tempos difíceis, diz Ele: "Então, sereis entregues para serdes perseguidos."²

É curioso que desde o início do pecado, tempos difíceis ocasionaram o surgimento de comportamento agressivo, às vezes irracionais. Caím matou Abel por causa da crise em seu relacionamento com Deus. Ao ver que havia escolhido seu próprio caminho e se extraviado, voltou-se contra Abel e destruiu o amigo de Deus.

Quando ocorre a ruína, torna-se necessária uma razão ou escusa a fim de uma vez mais se reconquistar o senso de controle. Após a Segunda-Feira Negra, na reação patelar para reconquistar o controle, haviam surgido por toda parte sugestões para maior regulamentação e reforma de mercado. "Ninguém entende totalmente o complicado mecanismo que afugenta dos Estados Unidos os mercados financeiros", declarou a revista *Time* (9 de novembro de 1987), "mas depois da Segunda-Feira Negra todos parecem determinados a fixá-los. Na última semana os instrumentos de reforma se reanimaram com empenho quando um desfile de especialistas em negócios bancários, econômicos e mercado de capitais atravessou o Capitol Hill (Colina do Capitólio) numa extraordinária série de audiências, conferências de imprensa e sessões a portas fechadas".³

Muitas vezes o argumento é o comportamento supostamente errado de outrem, como quando Adão censurou seu pecado na com-

panheira que Deus provera para ele, em lugar de assumir a responsabilidade pelos seus próprios erros. Após a Segunda-Feira Negra, o agente de seguros de Manhattan, Mattew Costa, expressou o desejo de esganar seu corretor, enquanto outro investidor que perdeu a maior parte do seu dinheiro entrou de fato em um estabelecimento de Merrill Lynch, em Miami, e assassinou brutalmente o gerente do banco com um magnum 357.⁴

Ao referir-se à perseguição do povo de Deus no tempo do fim, Ellen White realça claramente o ponto focal como sendo o sábado. A razão para que a observância de um dia de culto se torne a questão, contudo, é que o mundo terá atingido tempos difíceis. No esforço em prol de uma solução, o mundo aceita o conselho de líderes religiosos de legislar a religião, a fim de reconquistar a aprovação de Deus e retornar assim a tempos mais prósperos.

Todo o capítulo 18 de Apocalipse descreve os comerciantes do mundo chorando por causa da queda de Babilônia. Eles choram porque já não podem traficar, fazer negócio, tirar proveito, ou desfrutar de suas riquezas. Estão sofrendo pela perda do comércio, que lhes proporcionava sensação de bem-estar. A religião das massas, do tempo do fim, torna-se uma religião de conveniência, com o propósito específico de melhorar seu padrão de vida. É, pois, no interesse de fazer retornarem "os negócios à forma costumeira" que o dia de adoração é transformado em um ponto de conflito. "Declarar-se-á que os homens estão ofendendo a Deus pela violação do descanso dominical; que este pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam os requisitos do quarto mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo a sua restauração ao favor divino e à prosperidade temporal."¹⁶

Jesus, porém, continua a dizer em São Mateus 24, o que os membros de nossas igrejas farão uns pelos outros quando a Igreja estiver em tempos difíceis e sofrer a perda da condição e prestígio exterior junto com o peso da perseguição. "Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão."¹⁷

Os líderes e os membros da Igreja seguirão o mesmo processo psicológico ao lidarem com sua perda mundial de respeito, tentando reaver o controle dessas circunstâncias desconfortáveis. Existirão aqueles que não aprenderam a deixar que Deus lhes contro-

lasse a vida; e agora que a situação está fora de controle, eles realizarão a obra do próprio demônio, como "acusador de nossos irmãos".⁸ Eles chegarão à mesma conclusão a que chegaram muitos investidores com respeito à Segunda-Feira Negra: que outros devem ser culpados. "Ao aproximar-se a tempestade, uma classe numerosa que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência à verdade, abandona sua posição, passando para as fileiras do adversário. Unindo-se ao mundo e participando de seu espírito, chegam a ver as coisas quase sob a mesma luz; e, em vindo a prova, estão prontos a escolher o lado fácil, popular. Homens de talento e maneiras agradáveis, que se haviam já regozijado na verdade, empregam sua capacidade em enganar e transviar as almas. Tornam-se os piores inimigos de seus antigos irmãos. Quando os observadores do sábado forem levados perante os tribunais para responder por sua fé, estes apóstatas serão os mais ativos agentes de Satanás para representá-los falsamente e os acusar e, por meio de falsos boatos e insinuações, incitar os governantes contra eles."⁹

Tempos atrás, um acidente de carro produziu uma cena de desespero em frente dos meus olhos. Era uma pacata manhã de domingo, com pouco trânsito numa via de seis faixas de Brasília, quando uma camioneta entrou na estrada. Simultaneamente, um carro em alta velocidade apareceu numa curva distante. Para meu espanto, o motorista em velocidade continuou avançando sem ao menos mudar de faixa, como se o outro motorista não existisse. Finalmente, embora tarde demais, o apressado automóvel tomou consciência de seu iminente encontro com o veículo mais lento que estava à frente. Os pneus cantaram, mas inutilmente, e se seguiu a inevitável cacofonia metálica, quando o automóvel se enfiou na traseira da camioneta.

Eu assistia com interesse, quando o motorista do carro infrator desceu do veículo e dirigiu palavras ofensivas à mulher, por andar devagar na estrada. Bastante aturdida pelas palavras, ela simplesmente ficou quieta. Embora seja curioso, o código de trânsito brasileiro simplificou os tipos de acidente, estabelecendo que o motorista que bater na traseira de outro veículo é automaticamente considerado culpado. Ambos os motoristas por certo conheciam a lei, mas sem levar em conta o que a lei dizia, ou o que parecia óbvio a um terceiro observador, o motorista que corria em alta velocidade punha veementemente toda a culpa sobre a mulher cujo veículo ele

danificara.

Devemos agradecer à Segunda-Feira Negra pela lembrança de que o mundo está enfrentando uma crise mutilatória. Aqueles que são mais responsáveis pela condição do mundo serão os mesmos a lançarem mais acrimônia a culpa sobre outros. Deus nos concedeu instruções antecipadas, a fim de que possamos enfrentar esse tempo. Quando o mundo então perder o controle, os homens serão incapazes de reavê-lo novamente, a despeito de seus esforços mais desesperados, pois Deus assumirá o controle das pendências dos

homens. Aqueles que já colocaram a vida em Suas mãos, sentir-se-ão reanimados ao ver a Deus na direção, pois, tendo investido inteiramente no Agente celeste, "até o fim (eles) serão salvos".¹⁰

1. S. Mateus 24:2.
2. S. Mateus 24:9.
3. *Time*, 9 de novembro de 1987, pág. 20.
4. *Idem*, pág. 17.
5. *O Grande Conflito*, pág. 614.
6. *Idem*, pág. 589.
7. S. Mateus 24:10.
8. Apocalipse 12:10.
9. *O Grande Conflito*, pág. 607.
10. S. Mat. 24:13.

JOSÉ A. FUENTES — Ex-professor-assistente da Escola de Saúde da Universidade de Loma Linda e psicólogo da Clínica Familiar Clearview Loma Linda, Califórnia.

Verificação e Cuidados do Esgotamento

Como é possível reconhecer o esgotamento e diferenciá-lo de outros problemas físicos e psicológicos? E o que podemos fazer com ele?

O que é esgotamento? Lemos e ouvimos muito a seu respeito hoje em dia, mas a palavra se tornou um verbete usado para descrever qualquer tipo de problema. O termo ocupou a imaginação pública em 1980, após ter sido publicado o livro *Burnout: The High, Cost of Achievement* (Esgotamento: O Alto Preço da Realização), e agora está em perigo de perder todo o significado, por causa do número de enfermidades que se acham sob a designação de "esgotamento". Estudos recentes mostraram que os pacientes, e mesmo os clínicos, muitas vezes diagnosticam mal a depressão, a anemia ou a simples falta de apetite como esgotamento.

Dessa forma, o que é esgotamento e, mais importante ainda, como afeta ele o pastor? Minha própria definição ontológica sucinta é a seguinte: A gradual, mas, finalmente, grave ou crítica exaustão ou depleção dos recursos físicos, mentais e espirituais da pessoa por so-

brecarregar um ou mais deles, sem dar tempo para recuperação ou reabastecimento.

Sintomas

O quadro das páginas seguintes mostra muitos dos sintomas, e descreve como estes se desenvolvem. É bom saber, contudo, que o aparecimento do esgotamento não segue exatamente este quadro. Por exemplo, um pastor ou outro profissional que presta auxílio, pode experimentar os sintomas do estágio quatro, antes dos sintomas do estágio dois se tornarem definidos, mas todos os estágios, em geral, ocorrem.

Os estágios não deveriam ser considerados como níveis de esgotamento, mas como fases que levam ao esgotamento.

Várias influências na vida particular e no lar do pastor, podem retardar ou apressar o aparecimento do esgotamento. A reconsagração

peçoal ou os esforços de uma esposa atilada e dedicada, podem, com o tempo, aliviar os sintomas. Se, porém, o esgotamento for resultante de depleção em outras áreas que não a espiritual, a reconagração não restabelecerá as energias que estão em declínio. E, caso não disponha a esposa dos recursos psicológicos para preencher as necessidades de seu marido, suas reações poderão acelerar o processo do esgotamento.

Os administradores que lidam com o pastor podem, também, procurar minorar-lhe os problemas. Uma tática comumente usada para tentar auxiliar o pastor acometido de letargia, é mudá-lo de igreja. Não se pode, contudo, afastá-lo do esgotamento. Este continua junto com o pastor, e logo se manifestará também no novo local. Em cada nova localidade, pode o pastor avançar nos estágios que levam avante o esgotamento, mais do que nos lugares anteriores.

Nos estágios mais avançados, um dos sintomas-chave de esgotamento é a perda de discernimento — a habilidade de ter uma visão ampla e de entender as razões dos fatos que devem acontecer. Enfermidades psicossomáticas, tais como resfriado prolongado, dor de cabeça excessiva, dor na parte inferior das costas, diarreia muitas vezes estão presentes também nos estágios adiantados.

Uma vez que o esgotamento decorra da depleção das reservas de energia, é importante saber que nem todas as pessoas sentirão estes sintomas exatamente da mesma maneira. A pessoa cujos recursos físicos estão diminuídos, apresentará sintomas diferentes dos daquela que está mentalmente esgotada. Dessa forma, um carpinteiro que trabalhe arduamente apresentará sintomas muito diferentes dos apresentados pelo matemático que trabalhe intensivamente.

A depleção e a exaustão constituem os primeiros sintomas que podem levar a pessoa a um diagnóstico de esgotamento. É claro que a perda de discernimento é um sintoma mais tardio, que indica achar-se o esgotamento em fase mais avançada.

Quem é afetado

A tragédia, com relação ao esgotamento, é que ele muitas vezes atinge os obreiros com maior motivação, idealismo e entusiasmo na missão de servir. Na igreja, são os líderes profissionais de tempo integral, em geral, as vítimas de esgotamento. As estimativas do número de pastores que sofrem de esgotamento variam grandemente. R. Oswald constatou

que "um em cada seis clérigos estava experimentando os efeitos debilitadores do esgotamento", ao passo que outro estudo realizado em Wisconsin, no mesmo ano, indicou que apenas cerca de 2% dos pastores envolvidos estavam sem esgotamento.

Causas

As causas do esgotamento podem ser agrupadas em três tipos. Primeiro, as causas de natureza íntima do indivíduo, tais como a constituição psicológica, que torna difícil ou impossível lidar de maneira criativa e flexível com os acontecimentos estressantes. Segundo, causas externas, tais como barulho, violência, condições meteorológicas, ou catástrofes. Em terceiro lugar, causas interativas, que resultam do relacionamento com o ambiente. A maneira como respondemos a estas coisas, determina o impacto que elas produzem em nossa vida.

Em especial, os ministros são suscetíveis ao terceiro grupo de causas, em virtude do seu constante relacionamento com as pessoas. E. M. Ansell, mostra que todo aquele que mantém contato direto e intenso com as pessoas, e desempenha o papel de auxiliador, é candidato ao esgotamento; e que especialmente o obreiro zeloso ou muito dedicado é o mais suscetível.

Os fatores que contribuem para o esgotamento entre profissionais que prestam auxílio, incluem ocupação que se limita a um tipo de atividade, excesso de trabalho, dificuldade no trato geral com o problema das pessoas, desestímulo, e o esforço terapêutico para trazer à tona os próprios conflitos pessoais do profissional. Junto com estes problemas, estão a frustração e um senso de inutilidade que resultam da profunda inquietação, mas da incapacidade de aliviar os problemas de uma pessoa.

Tais frustrações levam a uma série de sintomas que tornam mais e mais difícil ser eficiente como profissional que presta auxílio. Primeiro o ajudador esgotado começa a trabalhar mecanicamente, revelando pouco ou nenhum interesse pela pessoa a quem está servindo. Em seguida, desenvolve um senso de desligamento e falta de identificação com os problemas da outra pessoa. Depois, o trabalho se torna mero dever, em lugar de um prazer. Em quarto lugar, o cinismo e a apatia impedem que o ajudador penetre no problema da outra pessoa e dele trate de modo agressivo. Como ponto número cinco, o ajudador torna-se paranóico e acusa os demais; entre



estes, clientes e pessoas da família, por seus problemas. Em sexto lugar, surgem a fadiga, a irritabilidade e as enfermidades psicossomáticas.

Prevenindo o Esgotamento

Após determinarmos as causas do esgotamento, podemos agora voltar-nos para as maneiras de evitar estas causas. Há sete medidas preventivas contra elas.

1. Assistir a boas conferências e seminários. Isto trará novas dimensões e perspectivas que podem reabastecer vosso reservatório de idéias para sermões, atividades e programas.

2. Evitar estardes constantemente atingindo a finalidade sem fazer algo que vos dê algum senso de realização ou aprovação.

3. Fazer regularmente alguma coisa diferente. Trabalhar em vosso jardim, pintar a casa, deixar livre um dia por semana para saídes com a família. Com outros interesses além do trabalho, podeis restaurar-vos. Não vos sobrearregueis, porém, com atividades paralelas, do contrário isto apenas contribuirá para intensificar vossa sensação de exaustão.

4. Certificai-vos de que reconheceis vossos

próprios limites. Não vos excedais, assumindo a responsabilidade de tudo quanto precisa ser feito. Delegai autoridade e dai aos membros de vossa igreja a oportunidade de serem necessários e importantes.

5. Não receeis lidar com sentimentos negativos quanto ao vosso trabalho. É melhor trabalhar no meio deles, do que interiorizá-los. Lidando com eles, aumentareis vossa compreensão dos problemas e do vosso trabalho, e impedireis que os problemas se apresentem mais tarde na forma de desordens psicossomáticas, tais como asma, alergias e úlceras pépticas.

6. "Parem o mundo que eu quero descer." Dessa maneira, todos podeis tomar tempo para fazer um balanço de vossas responsabilidades *versus* recursos. E enquanto estiverdes fazendo isto, tomai tempo para meditar, andar com Deus e buscar conselho; não, porém, como o fazeis rotineiramente. Tornai isto uma intensiva descoberta e confissão pessoal — achá-lo-eis calmante e renovador.

7. Se nenhum destes remédios ajudar — depois de terdes com eles feito uma tentativa cabal — podeis já estar sentindo o esgotamento em pleno vôo. Pedi ajuda. A síndrome do esgotamento não é doença que desaparece sozinha.

Interrompendo o ciclo do esgotamento

Durante os últimos dois anos, dirigi vários seminários para ocupações causadoras de tensões, nas quais tratei do assunto do esgotamento. Dois presidentes de campo pediram-me que lhes desse uma sugestão para ajudar pastores vencidos pelo esgotamento. Minha sugestão, em cada uma das ocasiões, foi tomar tempo para deixar que o pastor saiba que é importante — não apenas como terapia, mas porque ele é importante. Sair com ele para comer, partilhar com ele planos que, embora não sejam sigilosos, muitas vezes escapam à posição hierárquica ou condição do ministro. Aqueles importantes almoços de trabalho que os administradores muitas vezes gastam para dar nova afeição a decisões por eles já tomadas, se gastos com um pastor a caminho do esgotamento, poderiam ser um momento decisivo para o pastor.

Cada um dos administradores aos quais sugeri isto, tentou, e partilhou comigo o fato de que essa terapia ajudou. Três diferentes pastores lhes escreveram para expressar a mudança que essa espécie de tratamento realizou em sua vida.

O Ciclo do Esgotamento de um Pastor

Torna-se pastor de um distrito ou igreja. Grandemente motivado, enche-se de entusiasmo e "primeiro amor".

Primeiro estágio:

Envolve-se intensamente com o trabalho, aceita mais responsabilidades do que podem ser desempenhadas por uma pessoa, deixa de conceder atribuições, sobrecarrega-se, e o primeiro amor começa a diminuir.

Reflexo no lar

Foge do culto familiar, que é realizado pela esposa. Passa mais tempo no trabalho do que em casa.

Segundo estágio:

Desperta sempre uma lista interminável de necessidades humanas, não tem nenhum senso de perfeição. Os primeiros sintomas de exaustão emocional substituem o prazer original para com o trabalho.

Reflexo no lar

A esposa e os filhos queixam-se de que o pastor nunca está em casa. Eles têm que fazer serviços que competiria ao pastor fazer.

Terceiro estágio:

Começa a fazer as coisas pela metade. A lua-de-mel com a igreja passou e a visitação e a pregação se tornam uma obrigação que deve ser satisfeita.

Quarto estágio:

A depleção física torna-se evidente. Tem problemas de sono. Sente-se constantemente como se o tempo se estivesse escoando. Sente-se oprimido e desvalido. A depressão e, muitas vezes, a ansiedade têm início. A lealdade dos membros da igreja começa a mudar.

Reflexo no lar

Acareado pela esposa, o pastor racionaliza ou responde sarcasticamente para ocultar a hostilidade subjacente. A coesão familiar começa a deteriorar-se, mas a família ainda aparece em público com o pastor para salvar a aparência.

Quinto estágio:

A evidente falta de objetividade faz parecer que o pastor não tem senso de direção. O pastor começa a perder o controle das atividades da igreja e da organização. Ou as atividades caem numa rotina maçante, devida à falta de inovação.



Reflexo no lar

A irritabilidade e a falta de paciência separam a família, que começa a cerrar fileira contra o pastor. Esta é uma pedra de tropeço para a coesão familiar. Um reavivamento espiritual, a esta altura, pode retardar o ciclo do esgotamento.

Sexto estágio:

A falta de entusiasmo torna-se patente. Os sermões tornam-se repetitivos e sem conteúdo. O absenteísmo das reuniões relacionadas com a igreja, torna-se visível. Os administradores ouvem a respeito dos problemas do pastor, mas a reação do pastor para com eles é paranóica, negativa e hostil.

Reflexo no lar

A síndrome do PK pode ser notória em um ou mais filhos. A falta de harmonia na família torna-se patente aos outros. Os problemas transcendem os limites da família.

Sétimo estágio:

O pastor desenvolve uma atitude negativa e superficial para com o trabalho e a igreja e seus membros, ou revela um profundo sentimento de culpa relacionado com a falta de expectativas no trabalho.

Complemento para o box

Começa a perder o idealismo
Perda de energia
Perde o senso de direção
Perde o senso de propósito
Dúvida do chamado
Pesquisado e desenvolvido por José A. Fuentes

Como Reconhecer o Esgotamento nos Ministros

A lista seguinte de sinais e sintomas não é exaustiva, mas visa ajudar os administradores a identificarem e auxiliarem os pastores que se acham a caminho do esgotamento.

1. Aumento do absenteísmo demonstrado através de poucos resultados, menos dedicação demonstrada ao trabalho, pouco contato com os membros da igreja e/ou os administradores.

2. Baixo nível de entusiasmo, atitude negativa para com os novos planos ou tempo ocioso, falta de entusiasmo para relatar realizações.

3. Declínio qualitativo ou quantitativo do trabalho. O pastor não alcança os alvos, ou o faz de maneira muito mecânica e precisa de muito encorajamento.

4. Falta de objetivo. Os membros da igreja reclamam da falta de orientação clara. O pastor condena o sistema por dificilmente implementar os planos. Os pontos focais podem mudar da conquista de almas para

outras atividades menos importantes ou preferências pessoais. Aumentam as dúvidas quanto ao futuro e à possibilidade de mudar de profissão.

5. Falta de comunicação. O pastor começa a evitar o contato com os líderes, não "vende" seus planos para os líderes da igreja local, ressentido de suas críticas mas, em lugar de reparar os muros, gasta energia preparando hostilidade. Senta-se como uma figura decorativa nas reuniões e seminários. A falta de envolvimento torna-se visível. A conduta pode tornar-se paranóica.

6. Crescimento espiritual estagnado. O pastor começa a negligenciar a devoção ou a torna menos significativa.

7. Alvos inadequados. Como resultado da sobrecarga precoce, o pastor com esgotamento pode adotar alvos mínimos ou não corresponder a nenhum alvo.

8. Enfermidades prolongadas, comumente dos tipos psicossomáticos.

TIM CROSBY — Pastor Adventista e Colaborador da revista *Ministry*.

É o Inferno Bíblico Eterno?

Tradicionalmente, a maioria da cristandade tem aceito a crença de um inferno eterno. Apóia, porém, a Bíblia tal ensinamento?

Quando criança, Roberto Ingersoll ouviu um pregador dizer que Deus submete os pecadores a tormento interminável no inferno. Ingersoll decidiu que se Deus era realmente assim, então ele O odiava. Tempos depois, ele escreveu que essa crença "torna o homem uma eterna vítima e Deus um eterno demônio. Ela é o horror número um do infinito. ... Além desse dogma cristão, a selvageria não pode ir".¹

Há substanciais dificuldades morais e lógicas em crer em um Deus que tortura para sempre Seus inimigos. Como Roberto Ingersoll, milhares de homens pensantes se têm

distanciado de um Deus dessa espécie. Pode esta doutrina ajustar-se ao ensino bíblico de um Deus de amor (I S. João 4:8) que não tem nenhum prazer na morte do ímpio (Ezeq. 33:11), a destruição do qual é chamada de Seu "estranho" ato (Isa. 28:21 e 22)?

O que diz a Bíblia?

Não há dúvida de que a Bíblia ensina que o ímpio será queimado nos fogos do inferno. Todavia, ao contrário da compreensão popular, tanto o Antigo como o Novo Testamento afirmam que o inferno está no futuro, e que

queimará apenas até que o ímpio seja reduzido a cinzas.

Notai o testemunho de Malaquias: "Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós, que temeis o Meu nome, nascerá o sol da justiça... e saireis, e crescereis como os bezerros do cevadouro. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo das plantas de vossos pés naquele dia que farei, diz o Senhor dos exércitos" (Mal. 4:1-3).

Esta não é a única passagem que ensina que os ímpios serão aniquilados "raiz e ramos", e transformados em cinzas. De acordo com o Salmo 37:10 e 20, os ímpios serão totalmente destruídos e deixarão de existir; Obadias 15 e 16 diz que eles se tornarão como se nunca houvessem existido.

E o Novo Testamento torna claro que Cristo ensinou explicitamente o aniquilamento dos ímpios. Sua declaração em S. Mat. 10:28, de que Deus pode *destruir* tanto o corpo *como a alma*, no inferno, é inquestionável. Este texto implica o mesmo claro contraste entre a primeira morte, que é temporária, e a segunda, que resulta na extinção total da alma, que pode ser observado em Apoc. 20 (versos 5 e 14, respectivamente).

É importante notar aqui que, em parte alguma das Escrituras, é a alma considerada eterna ou imortal. Ao contrário, diz-se que a alma morre (Ezeq. 18:4; Lev. 23:29 e 30; S. Mat. 10:28; Apoc. 16:3). Somente Deus é imortal (I Tim. 6:15 e 16). Imortalidade é alguma coisa que os justos procuram (Rom. 2:7), e que só lhes será conferida na ressurreição (I Cor. 15:53 e 54). Notai que herdar a imortalidade não deve ser confundido com vida eterna, que pertence pela fé aos justos agora (I S. João 5:13).

O próprio relato da Criação contradiz a crença comum de que o que torna as pessoas diferentes dos animais é que aquelas possuem alma imortal. Aí, tanto os animais (Gên. 1:21, 24; 2:19; 9:10, 15 e 16, etc.) como as pessoas (Gên. 2:7) são chamados de almas (hebraico *nephesh*). A alma é o ser completo (Gên. 2:7), e o termo pode ser usado para denotar qualquer criatura vivente — seja humana ou animal.

Com respeito ao tempo e ao lugar do inferno, Malaquias 4:1-3, acima citado, diz que o inferno ainda está no futuro, e que os ímpios devem ser destruídos na Terra, onde os justos finalmente lhes pisarão sobre as cinzas. O

Novo Testamento é ainda mais explícito — o inferno ocorre no fim do mundo. Notai as três passagens seguintes:

"Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os Seus anjos, e eles colherão do Seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o Sol, no reino de seu Pai" (S. Mat. 13:40-43).

"Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando Se manifestar o Senhor Jesus desde o Céu com os anjos do Seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder, quando vier para ser glorificado nos Seus santos, e para Se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem" (II Tess. 1:6-10).

"Mas os céus e a Terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. ... Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão. ... Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra em que habita a justiça" (II Ped. 3:7-13).

Estas passagens não dão nenhuma indicação de qualquer fogo subterrâneo que não se extingue. Ao contrário, declaram que os ímpios serão consumidos no fim do tempo. Não teria nenhum sentido, Deus vir e tirar de algum holocausto subterrâneo os pecadores que já estão sendo queimados e depois "lançá-los na fornalha de fogo" (S. Mat. 13:42) novamente.

Notai também o encadeamento que existe nestas três passagens — e também Malaquias 4. Todas elas falam de uma nova criação que acompanha o fogo, o que significa que o fogo vem com uma finalidade.

Este cenário (segunda vinda, destruição dos ímpios, recriação da Terra) ocorre novamente com até mais pormenores em Apoc. 20:11-21:1, acrescido de um novo elemento — um milênio que é interposto entre a segunda vinda e a punição final dos ímpios.

Esta passagem diz que, depois do juízo final, os ímpios, a *morte e o próprio Hades* serão lançados no lago de fogo. Depois a Terra é novamente criada, e "não haverá mais mor-

te, nem pranto, nem clamor, *nem dor*; porque já as primeiras coisas são passadas" (Apoc. 21:4). É lógico que se a morte, que foi lançada no lago de fogo, "não mais existe", então o mesmo é verdade com relação ao Hades, que tem o mesmo destino.

Evidência bíblica de um inferno eterno?

Se tudo isto é verdade, então por que tantas pessoas crêem em um inferno eterno? O problema é causado em parte por certas expressões metafóricas usadas nas Escrituras.

Os escritores usam, em qualquer língua, figuras de linguagem que não pretendem que seus leitores tomem ao pé da letra. Por exemplo, no inglês usamos as expressões "esticar as canelas" ou "comer o pó" para falar metafóricamente da morte; as expressões nada têm que ver com ações dos pés ou da boca. Uma expressão parecida com as que foram mencionadas, é usada em Gên. 3:14, onde se diz que a serpente "comerá pó". Não obstante, as serpentes não comem pó. Com base no paralelismo do Oriente Próximo antigo, sabemos agora que esta expressão significa "ser humilhada".

Seria erro interpretar a expressão hebraica "comer o pó" literalmente, ou interpretá-la igualando com o sentido inglês (ou português) dado às palavras "comer o pó". Infelizmente, ao interpretarem algumas passagens bíblicas sobre a punição dos ímpios, as pessoas em geral cometem essa espécie de erro. Para ser específico, os equivalentes hebraico e grego da língua portuguesa *eternamente*, *eterno*, e *para sempre*, nem sempre significam algo que jamais termina.

Várias passagens do Novo Testamento falam de fogo eterno ou perpétuo: "Então (Cristo) dirá também aos que estiverem à Sua esquerda: Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. ... E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna" (S. Mat. 25:41 e 46; comparar com 18:8).

A palavra grega traduzida aqui por *eterno*, muitas vezes traz a idéia de duração eterna. Às vezes, porém, esta palavra se refere não ao processo, mas ao resultado. E é qualitativa, não quantitativa, quanto ao significado.

Por exemplo, "eterna salvação" (Heb. 5:9) não significa salvação sem fim, e "juízo eterno" (Heb. 6:2) não significa juízo sem fim; o processo chega a um fim, mas o resultado é eterno. Nem a expressão "pecado eterno" (S. Mar. 3:29 — Almeida Revista e Corrigida) de-

signa pecado sem fim, mas um pecado de conseqüências eternas.

Semelhantemente, "tormento eterno" (S. Mat. 25:46) não quer dizer punição que não termina; nem "eterna destruição" (II Tess. 1:9) significa destruição que não se acaba. Não é a ação, mas o resultado que é eterno.

Em cada um dos casos acima, o processo de salvação, o juízo, a punição e a destruição vêm no final, mas o resultado — a salvação, o castigo — é eterno no sentido de que jamais será anulado; o réprobo jamais virá à existência outra vez.

É verdade, como afirmam os defensores do castigo eterno, que a "punição eterna" de S. Mateus 25:46 deve durar ao menos tanto quanto a "vida eterna" mencionada na mesma sentença; isto, porém, é verdade com relação ao resultado, não ao processo. Os ímpios estarão mortos por todo o tempo que os justos estiverem vivos.

A expressão "fogo eterno" deve ser entendida da mesma maneira. Não quer dizer queimar eternamente, mas um fogo cujos resultados são eternos. A maneira como esta expressão é usada em S. Judas, mostra isto.

De acordo com S. Judas 7, Sodoma e Gomorra foram queimadas com "fogo eterno". No verso paralelo em II Pedro 2:6, diz-se que esse fogo reduziu aquelas cidades a cinzas. E se diz que ele é um exemplo do que deve acontecer aos ímpios. Sodoma, porém, não está queimando até agora. O fogo foi eterno porque seus *resultados* são eternos, não porque jamais deixe de queimar. Estes dois versos afirmam que o fogo eterno, que queimará os ímpios, reduzi-los-á a cinzas e depois se extinguirá.

Outra expressão compreendida erradamente é "fogo que nunca se apagará" (S. Mat. 3:12; S. Mar. 9:43). Este não quer dizer fogo que nunca se extingue. Em Jeremias 7:20, Deus ameaçou derramar Sua ira sobre Jerusalém, declarando: "Acender-se-á, e não se apagará." De acordo com II Crônicas 36:19 e 21, a ameaça se cumpriu quando Babilônia queimou "a casa do Senhor". Esse fogo reduziu a cinzas as portas de Jerusalém (Neem. 2:3), e depois, naturalmente, deixou de existir. Fogo que nunca se apaga, pois, significa fogo que não pode ser apagado, ou extinto, *enquanto não deixar de existir por si mesmo, depois de não haver nada mais para queimar*. Não significa fogo que queima eternamente.

Uma parábola mal-interpretada

A idéia comum de que o inferno é um lugar — talvez em alguma região sob a super-

fície da Terra — onde os mortos estão agora sendo torturados, encontra alegada sustentação em uma única passagem das Escrituras. A parábola do rico e Lázaro (S. Luc. 16:19-31) faz parte de um grupo de parábolas a respeito do uso do dinheiro nos capítulos 15 e 16 do Evangelho de São Lucas. O fato de esta história não ser explicitamente chamada de parábola, não tem importância, pois apenas a primeira das cinco parábolas deste grupo é assim denominada (15:3).

Não se pode basear uma crença teológica nos pormenores incidentais de uma parábola. Por exemplo, a parábola das plantas que falam (Juíz. 9:8-15) não procura ensinar que as plantas podem falar. E enquanto na parábola do mordomo infiel, que também aparece em S. Lucas 16, “o senhor condenou o injusto mordomo” (S. Luc. 16:8), não devemos chegar à conclusão de que os cristãos devem ser desonestos.

Os elementos essenciais da história do rico e Lázaro já faziam parte do folclore popular judaico do tempo de Jesus; eles podem ser encontrados na literatura judaica contemporânea. Cristo simplesmente se serviu da história para mostrar como o uso do dinheiro afeta nosso destino.

Expressões bíblicas tais como “no seio da Terra” (S. Mat. 12:40) e “partes mais baixas da Terra” (Efés. 4:9), onde se diz que Jesus foi, após Sua crucifixão, constituem simplesmente uma referência à sepultura e não a algum ponto profundo do interior do globo terrestre. Expressão semelhante é usada em Jonas 2:2. Aí Jonas, no ventre do peixe, diz estar “no ventre do inferno”.

E quanto a Apocalipse 14:10 e 11 que descreve o castigo dos ímpios nas mais vívidas palavras? “E será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite”. Com certeza, aqui a Bíblia ensina claramente o tormento eterno dos ímpios!

Deixemos que a Bíblia defina suas próprias palavras. Como as palavras *eterno* e *interminável*, *para sempre* não significa necessariamente perpetuidade absoluta. Na verdade essa expressão tem o sentido de “indefinidamente”. Diz-se que o esparzir do sangue na Páscoa devia ser “para sempre” (Êxo. 12:24). E a mesma expressão é usada com relação ao sacerdócio araônico (Êxo. 29:9; 40:15; Lev. 3:27); a herança de Calebe (Josué 14:9; o templo de Salomão (I Reis 8:12 e 13); e a lepra de Geazi (II Reis 5:27).

Contudo, nenhuma destas coisas existe ainda hoje.

Para sempre pode significar “até o fim da vida” (I Sam. 1:22 e 28; Êxo. 21:6). Pode referir-se a um período muito curto (Josué 2:6). Pode significar ainda “durante o tempo que for necessário”. Falando ao rebelde Israel, Jeremias fala de Deus como dizendo: “Far-te-ei servir os teus inimigos, na terra que não conheces; porque o fogo que acendeste na minha ira arderá *para sempre*” (Jer. 17:4). Contudo, Jeremias 23:20 torna claro que *para sempre* significava “até que Deus executasse e cumprisse os pensamentos do Seu coração”. E Ezequiel 5:13 indica que a ira de Deus se dissiparia quando seus propósitos tivessem sido alcançados. O que se diz do fogo metafórico é, evidentemente, verdadeiro com relação ao inferno literal: ele queimará “para sempre” — isto é, tanto quanto for necessário, até que o fim seja alcançado.

Todavia, ainda não resolvemos o problema de Apocalipse 14:11, que não diz apenas “para sempre”, mas “para todo o sempre”, e acrescenta que “não têm repouso nem de dia nem de noite”. O livro de Isaías possui a chave para o significado desta passagem. As palavras de João refletem a profecia de Isaías, concernente a Edom: “E os seus ribeiros se transformarão em pez, e o seu pó em enxofre, e a sua terra em pez ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre o seu fumo subirá; de geração em geração será assolada; de século em século ninguém passará por ela” (Isa. 34:9 e 10).

Isaías 34:5 a 35:10 descreve a destruição pelo fogo e depois a restauração da terra de Edom. Embora Isaías 34:10 pareça indicar que o fogo de Edom arderá para sempre, os versos seguintes indicam que as plantas silvestres crescerão ali e os animais silvestres ali viverão! Obviamente, o fogo deve realmente apagar-se.

Mas não pára por aqui. A última parte do verso diz que “de século em século” ninguém passará pela Terra. E o verso 17 diz que os animais possuirão a Terra “para sempre” — isto é, a terra será perpetuamente desabitada por seres humanos. Todavia, o capítulo seguinte (Isaías 35) descreve a restauração dessa mesma Terra e sua repovoação pelos justos! As condições serão tão alteradas que aquele deserto antes “freqüentado por chacais” (KJV “habitação de dragões”, 34:13) será um dia um jardim onde não habitará nenhum chacal (35:7 e 9).

Esta passagem descreve o mesmo quadro (fogo “eterno” seguido de restauração e re-

povoação) que já revelamos em outro lugar. Está claro que aqui a expressão "para todo o sempre" significa apenas um limitado período de tempo.

Não precisamos entender estas expressões de maneira mais literal em Apocalipse 14:10 do que o fazemos em Isaías — em particular, quando a linguagem tão altamente figurativa é a característica do livro do Apocalipse.

Onde os vermes nunca morrem

Isaías 66:24 usa linguagem metafórica semelhante à da destruição dos ímpios. Havia um depósito de lixo em um vale do lado de fora de Jerusalém, no qual os vermes que se alimentavam das carcaças abandonadas, pareciam jamais desaparecer e o fogo estava sempre aceso. Aquele vale, o vale de Hinom, tornou-se um símbolo do que aconteceria aos ímpios. (A palavra grega para inferno, *gehenna*, é a tradução do hebraico para vale de Hinom.)

Os vermes aos quais se refere Isaías são os bichos literais das moscas, que se alimentavam dos cadáveres (ver Jó 17:14; 21:26; 24:19 e 20; Isa. 14:11; 51:8). Em parte alguma da Bíblia a palavra *verme* quer dizer *alma*. Como o fogo "que nunca se apaga" os vermes jamais morrem — enquanto sua atividade não termina. Na metade do capítulo Isaías escreveu: "Porque, eis que o Senhor virá em fogo, e os Seus carros como um torvelinho, para tornar a Sua ira em furor, e a Sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a Sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados. . . . Juntamente serão consumidos, diz o Senhor" (Isaías 66:15-17).

Consideremos outro texto. Il Pedro 2:9 tanto pode ser traduzido como se a dizer que os ímpios devem ser reservados para serem castigados no dia do juízo, como que eles devem ser reservados enquanto estão sendo punidos. A comparação de Il Pedro 1:4 e 5; Il Pedro 2:4; 3:7; e Judas 6, favorece grandemente a interpretação "reservados para a punição" como se opondo à interpretação que defende que o castigo está em andamento agora. De maneira alguma, um texto cuja tradução é discutível deve ser usado para defender uma doutrina discutível.

Se, porém, o inferno não é para sempre, então por quanto tempo arderá ele? Não podemos dizer. Jesus ameaçou aqueles que deixavam de fazer as coisas de maneira correta com o juízo de que eles seriam presos e jamais sairiam dali "enquanto não pagares o último ceitil" (S. Mat. 5:25 e 26). O servo incom-

passivo, a obtenção de cujo perdão fora revogada, foi entregue aos "atormentadores, até que pagasse tudo o que devia" (S. Mat. 18:34).

Estas advertências indicam que há um limite para o processo de punição; um tempo no qual a dívida deve ser paga. Isto apela ao nosso senso de justiça. Não seria correto uma criança que viesse a morrer sem estar salva, sofrer tanto quanto Adolfo Hitler. O fato de os graus de punição diferirem, dependendo de quanto da verdade a pessoa tenha conhecido (S. Luc. 12:47 e 48), significa a mesma coisa.

Não seria possível isso, caso todos fossem punidos para sempre. Além disso, se o inferno estivesse queimando agora, então o prolongamento do castigo seria muito maior para os que viveram e morreram no começo das eras (e conheceram menos da verdade de Deus) do que para aqueles que viveram depois (e conheceram mais) — precisamente o oposto do que ensina Lucas. Caim, que assassinou um homem, sofreria durante milhares de anos mais no inferno do que Adolfo Hitler, que foi o responsável pela morte de milhões. Como poderia isto ser justo?

Uma antiga tradição na igreja cristã considera as palavras de Ezequiel 28:14-19 como uma descrição de Satanás. Se isto estiver certo, então esta passagem, que usa o "tempo passado profético", ensina que o demônio um dia será finalmente destruído pelo fogo (versos 18 e 19). É pouco provável que Deus leve a um fim os sofrimentos do diabo, enquanto permite que aqueles aos quais ele enganou sofram para sempre.

Com relação a isto, disse Plutarco: 'Certamente preferiria que um grande número de homens dissesse que afinal nunca existiu um homem tal como Plutarco, a que dissesse que houve um Plutarco, a que dissesse que houve um Plutarco que devorava seus filhos logo que estes nasciam.'²

Reagindo ao conceito de que Deus sujeitaria Seus inimigos a tortura eterna, no inferno, muitos se têm afastado de Ele. A Bíblia, porém, torna claro que esta é uma compreensão errônea. O quadro que ela apresenta de Deus como um Deus Justo e, mais do que isto, de um Pai amoroso, é constante. A descrição que faz de Sua misericórdia ao lidar mesmo com os que crucificaram Seu Filho, confirma que Ele é um Deus a quem se deve conhecer e servir.

1. Citado em Martin Gardner, *The Whys of a Philosophical Scrivener* (Nova Iorque: William Morrow and Company, 1983), pág. 300.

2. Francis Bacon, ensaio sobre "Superstition" citado em Gardner, pág. 300.

O Texto do Antigo Testamento na Antigüidade

Lembro-me bem do choque que recebi, mais de 40 anos atrás, quando, como estudante de colégio, aprendi que o texto hebraico do Antigo Testamento se baseava em manuscritos que foram produzidos no século nove A.D. e mesmo posteriormente. Possuíamos apenas um fragmento de um rolo bíblico da era pré-cristã — o Papiro de Nash, que continha uma porção do Decálogo. Foi inquietante pensar em quanto não devia ter sofrido o texto do Antigo Testamento nas muitas centenas de anos que se passaram entre o tempo em que foi originalmente escrito e os manuscritos mais antigos de que dispúnhamos. Não admira que críticos como Friedrich Delitzsch afirmassem ter o texto bíblico sofrido um grau de corrupção além da nossa mais extrema imaginação.¹ Aqueles que defendiam a autoridade do texto, nada possuíam senão a fé para sustentar sua crença de que Deus havia colocado a mão sobre Sua Palavra e não permitira que ela fosse adulterada.

Veio então o dia mais excitante de minha vida como arqueólogo. No início da primavera de 1948, como um dos alunos de W. F. Albright, ouvi-o anunciar que fora feita "a maior descoberta de manuscrito dos tempos modernos" na biblioteca do mosteiro sírio de Jerusalém.

Albright acabara de receber algumas fotografias de um rolo de Isaías, e havia gasto toda a noite examinando a escrita do rolo e conferindo-a com o texto massorético. Ele chegara à conclusão, conforme revelou, de que não podia ser posterior ao segundo século A.C., e que o texto era quase idêntico ao da Bíblia hebraica massorética.

Aproximadamente 40 anos se passaram desde aquele dia memorável, e muita coisa aconteceu desde então. Soubemos logo que os rolos não vieram de uma biblioteca do mosteiro em Jerusalém, mas de uma caverna do

deserto da Judéia. Dez outras cavernas que continham rolos foram encontradas perto de Qumran, o centro da comunidade de uma seita judaica, provavelmente os essênios. Posteriormente, descobriram-se mais fragmentos de rolos bíblicos em cavernas ao ocidente e sul de Qumran, em Wadi Murabba'ât, Nahal Hever, Nahal Se'elim e Massada.

Ao todo, milhares de fragmentos de manuscritos bíblicos e centenas de obras judaicas não canônicas vieram à luz. Os fragmentos procediam de mais de 500 manuscritos. Foram encontradas porções da Bíblia em 170 diferentes manuscritos. Este material é conhecido como os Rolos do Mar Morto, designação dada aos rolos encontrados no deserto da Judéia desde 1947.

Com exceção do famoso rolo de Isaías da Caverna I de Qumran, todos os rolos nos vieram à mão em forma fragmentária. Algumas porções mais ou menos grandes de vários livros bíblicos foram preservadas, tais como um segundo rolo de Isaías da Caverna I de Qumran, que contém cerca de 20 por cento de seu texto original, um rolo dos Salmos, da Caverna 11 de Qumran, no qual mais de 35 por cento do texto original foi preservado, um rolo de Samuel da Caverna 4 de Qumran (que ainda não foi publicado) reunidos de centenas de fragmentos, e uma porção recentemente publicada (8 por cento) de um rolo de Levítico da Caverna 11 de Qumran.

Todos os outros rolos nos chegaram às mãos em milhares de pequenos fragmentos. Contudo, mesmo estes textos fragmentários são de grande valor, uma vez que revelam que tipo de texto existia na época em que os rolos foram produzidos.

Em face do meu desejo de acompanhar a evolução de outras fases da arqueologia bíblica, tive que limitar meus estudos do material do Rolo do Mar Morto a textos bíblicos,

apenas. Através dos anos, tenho comparado cada manuscrito bíblico publicado com o texto massorético e procurado ler mais daquilo que outros estudiosos que trabalham nestes textos tiveram que dizer sobre eles.

Quando tínhamos apenas os rolos da primeira Caverna de Qumran, pensávamos que seus textos fossem, para todos os fins práticos, idênticos aos manuscritos bíblicos hebraicos mais antigos, anteriormente conhecidos. Variantes encontradas nos dois rolos de Isaías da Caverna I de Qumran eram quase que exclusivamente erros gráficos, ou de natureza ortográfica, gramatical ou sintática. Em nenhum lugar eles afetam o sentido do texto conhecido.

Com base nestas observações, declarei na Conferência da Bíblia de 1952 em Washington, D.C., que os manuscritos do Mar Morto provam inquestionavelmente que a Bíblia hebraica dos dias de Jesus era sem quaisquer variações, o texto massorético. Vários outros estudiosos chegaram à mesma conclusão. Por exemplo, em 1950 Harry Orlinski escreveu: "Sem levar em conta a data do rolo de Isaías do Monte Sinai, duvido que seu valor para a crítica textual vá muito além, a não ser na medida em que ela ajudará a convencer a maioria dos estudiosos bíblicos de que o texto tradicionalmente preservado da Bíblia hebraica deve ser tratado com respeito ainda maior do que tem sido."²

As descobertas feitas entre 1952 e 1956, em outras cavernas de Qumran, e as efetuadas entre 1951 e 1964 nas cavernas de Wadi Murabba'ât, Nahal Hever, Nahal Se'elim e em Massada, tiveram comprovadas tanto a sua predição como minha categórica alegação de erro. O material bíblico textual aí encontrado mostrou que ainda temos muito o que aprender sobre a complexidade da história do texto do Antigo Testamento.

As datas dos vários rolos e fragmentos são de grande importância para a reconstituição da história do texto bíblico. Todos os manuscritos das cavernas de Qumran vêm de um período que terminou em 68 ou 69 A.D., quando os rolos eram guardados em cavernas. Estudos paleontológicos mostram que os mais antigos rolos de Qumran foram produzidos no terceiro século A.C. e os mais recentes na primeira parte do primeiro século A.D. Estes manuscritos, pois, abrangem um período de cerca de 300 anos.

O material do texto bíblico de Massada antecede à captura daquela fortaleza da montanha em 73 A.D. Assim, todos os manuscritos de Qumran e Massada foram produzidos antes do fim do primeiro século A.D. e podem ser considerados como representando os ti-

pos de texto da Bíblia hebraica que se achavam em circulação durante o ministério de Jesus e dos apóstolos.

Por outro lado, os manuscritos encontrados em Nahal Hever, Nahal Se'elim e no Wadi Murabba'ât, foram escondidos em cavernas durante a revolta de Bar Kosiba, que terminou em 135 A.D.

Dois grupos distintos

Dessa forma, o material bíblico do rolo do Mar Morto pode claramente ser dividido em dois grupos: 1) os manuscritos de 170, das 11 cavernas de Qumran e os fragmentos bíblicos de Massada,³ todos os quais antedatam a 70 A.D.; e 2) os manuscritos das outras cavernas do deserto no Wadi Murabba'ât, Nahal Hever e Nahal Se'elim, escondidos ali durante a primeira parte do segundo século A.D.

Os manuscritos do segundo século, pertencentes ao segundo grupo, são praticamente idênticos ao texto massorético.⁴ Isto é verdade especialmente com relação ao rolo dos profetas menores do Wadi Murabba'ât, do qual 26 por cento foi preservado.

Por outro lado, os manuscritos das cavernas de Qumran e Massada, todos os quais antecedem o Concílio de Jâmnia, apresentam mais variação na forma do texto, bem como no tipo de escrita usada.

Falemos primeiro dos escritos. Na primeira caverna de Qumran, vieram à luz alguns fragmentos de Levítico e Números, escritos no hebraico anterior ao exílio ou paleoebraico. Quando foram descobertos a princípio, alguns estudiosos achavam que fossem fragmentos dos manuscritos bíblicos escritos antes do Exílio. Ficou provado que este ponto de vista era incorreto quando vieram à luz mais fragmentos bíblicos escritos na mesma escrita em quatro outras cavernas de Qumran. A forma gramatical e ortográfica desses fragmentos mostrou que eles pertenciam ao mesmo período geral que o dos rolos escritos no alfabeto hebraico antigo posterior.

É curioso que dos 170 manuscritos encontrados nas cavernas de Qumran, os únicos manuscritos escritos no alfabeto paleoebraico foram os do Pentateuco e Jó — em outras palavras, só os livros que a tradição judaica dizia terem sido escritos por Moisés. Em um relatório preliminar, Patrick Skehan, a quem foram destinados alguns dos manuscritos para publicação, escreveu que aqueles fragmentos paleoebraicos representam recensão que pode ser chamada de "'samaritana' com todas as características daquele texto mais completo, incluindo sua maneira repetitiva de nar-

rar o episódio das pragas, seus empréstimos de Deuterônômio e suas transposições; isto é verdadeiro em quase cada ponto em que os fragmentos existentes tornam possível a verificação.”⁵

Isto é muito importante, ainda mais quando os samaritanos conservaram a escrita paleoebraica e, com ligeiras alterações, usaram-na até o presente.

Dir-se-ia que tivéssemos nesses manuscritos bíblicos paleoebreus os textos dos saduceus? Embora eles não tenham deixado nenhuma literatura, sabemos por outras fontes que aceitavam apenas a Torah de Moisés, e possivelmente Jó, como canônicos.⁶

Recentemente foi publicado o rolo de Levítico, pertencente à Caverna 11.⁷ A escrita do seu texto difere dos fragmentos paleoebraicos da Caverna 4, descrita por Skehan. O rolo paleoebraico de Levítico da Caverna 11, representa um tipo de texto que, como o do famoso rolo de Isaías da Caverna 1 de Qumran, foi chamado protomassorético. Sua presença entre os rolos de Qumran indica que a biblioteca de Qumran continha os livros atribuídos a Moisés, diferindo tanto na escrita como no tipo de texto — diferença que concorda com o Pentateuco Samaritano e outros que estão mais em harmonia com o tipo de texto escolhido pelos rabinos em Jâmnia para se tornar a recensão-padrão para todas as gerações vindouras.

De acordo com a tradição judaica, Esdras introduziu a escrita antiga pós-exílio na Palestina. Entre os materiais bíblicos de Qumran, temos cerca de 160 manuscritos nessa escrita, alguns representados apenas por uns poucos fragmentos, outros por rolos que preservaram por volta de 20 por cento,⁸ 35 e 50 por cento, até um total de 100 por cento do texto original.

Não há nenhuma indicação de que as centenas de manuscritos — bíblicos e não bíblicos — encontrados nas cavernas fossem considerados canônicos pelos sectários de Qumran. Contudo, pode ser significativo que porções de todos os livros que os rabinos de Jâmnia aceitavam como canônicos, menos o livro de Ester, tenham sido encontradas entre os rolos de Qumran. Não sabemos se isto é um acidente de preservação ou se os essênios — juntamente com os fariseus do período de Jâmnia — rejeitaram Ester.

Mais de um tipo de texto do Antigo Testamento

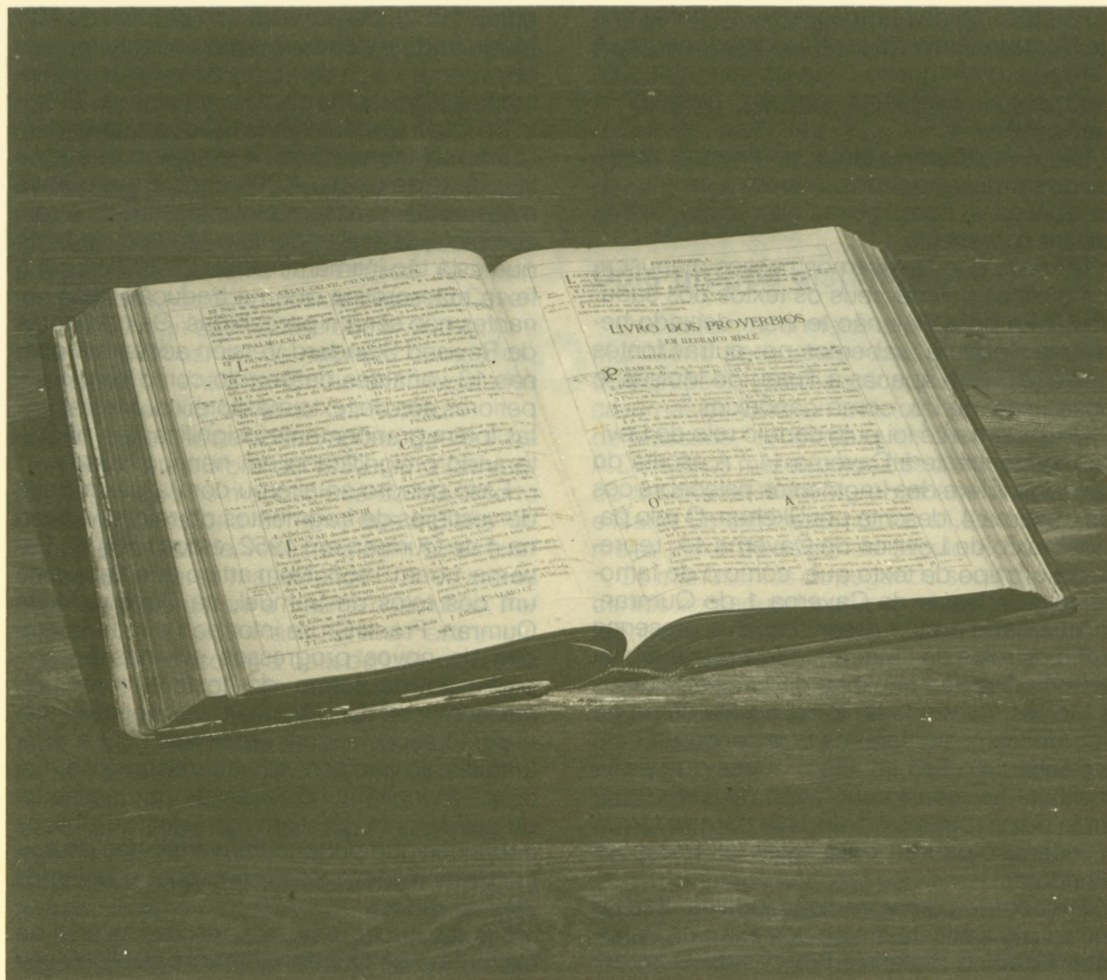
Durante o período em que dispúnhamos apenas dos rolos da Caverna 1 de Qumran

(1948-1952), pensava-se que os rolos do Mar Morto nada defendiam senão o texto massorético, embora os dois rolos de Isaías e os fragmentos diferissem ligeiramente entre si. O texto do rolo fragmentário de Isaías é quase idêntico ao texto massorético e provou que esse tipo de texto existiu 1.000 anos antes que os massoretas vivessem e operassem. E o rolo completo de Isaías contém um tipo de texto que está tão intimamente relacionado com o texto massorético que na tradução suas variantes não seriam percebidas. Os tradutores da Revised Standard Version aceitaram apenas 13 variantes desse rolo como sendo superiores aos do texto massorético. Mesmo estas foram grandemente insignificantes, não alterando o significado em nenhum caso.

Esse quadro se alterou com a descoberta de vestígios de fragmentos do rolo na Caverna 4 de Qumran em 1952, e dos rolos da Caverna 11 em 1956. Num artigo que tratava de um dos rolos de Samuel, na Caverna 4 de Qumran, Frank Cross informou o mundo erudito de novos progressos em nossa compreensão da forma do texto bíblico pré-massorético.⁹ Cross mostrou que este manuscrito especial concorda mais com a Septuaginta do que com o texto massorético. Esta era a primeira indicação de que no período pré-Jâmnia, existiam manuscritos bíblicos hebraicos que pertenciam a um tipo de texto diferente daquele com o qual estávamos familiarizados.

Após estudar a maior parte do material da Caverna 4 de Qumran, Albright publicou seu artigo programático “Nova Luz Sobre as Primeiras Recensões da Bíblia Hebraica.”¹⁰ Ele salientou que os manuscritos de Qumran representavam os dois principais elementos das recensões bíblicas. Um deles, ao qual pertencia o rolo completo de Isaías da Caverna 1 de Qumran, ele denominou de recensão babilônica, porque continha nomes assírios e babilônicos em ortografia quase correta. Essa recensão, conhecida por nós como o texto massorético, tornou-se essencialmente o *textus receptus* hebreu. A outra recensão ele chamou de recensão egípcia, uma vez que ela parecia ter sido o texto bíblico hebraico em circulação no Egito, durante o terceiro e o segundo século A.C., quando foi produzida a Septuaginta.

Durante os 30 ou mais anos passados, Frank Cross passou mais tempo trabalhando com os manuscritos bíblicos de Qumran do que o fez outro erudito qualquer (tanto tempo que sua esposa disse que desejou que a cabra errante, cuja perda levou à descoberta da primeira caverna, tivesse comido os rolos!) Ele



concluiu que depois de os rabinos escolherem aquele que se tornou o texto massorético, existiram três recensões principais.

Cross acredita que no século quarto A.C. duas recensões foram desenvolvidas a partir de um arquétipo que existiu durante o século anterior. Uma dessas recensões foi a família textual babilônica, da qual veio o texto massorético. A outra foi a família textual da Antiga Palestina, que foi preservada no Pentateuco Samaritano. No terceiro século A.C., a família textual Egípcia, da qual a Septuaginta é o principal testemunho, surge também desta família textual da Antiga Palestina.

Isso não quer dizer que haja evidência de que cada um dos livros da Bíblia hebraica tenha sido representado em cada uma das diversas recensões. Todos os manuscritos existentes, de Qumran, referentes a Isaías e Ezequiel, pertencem a uma família textual apenas, enquanto os de Jó e Jeremias não representam mais do que duas famílias textuais. Por

outro lado, os manuscritos de Qumran revelam que existiram três diferentes recensões dos livros do Pentateuco e Samuel.

Aumenta o respeito em favor da Septuaginta

Mesmo depois das descobertas em Qumran, alguns eruditos interpretavam a existência da Septuaginta e do Pentateuco Samaritano em suas várias formas de texto, como uma indicação de que existiram na era pré-cristã diversas recensões da Bíblia hebraica. Contudo, muitos de nós pensávamos que a Septuaginta diferia do texto massorético, porque os tradutores gregos usaram de liberdade em sua elaboração. Criamos, igualmente, que as diferenças entre os Pentateucos Massorético e Samaritano fossem devidas, principalmente, às tendências dos copistas samaritanos. Sabemos hoje que manuscritos he-

braicos houve que devem ter servido de *vorlage* aos tradutores gregos e aos copistas samaritanos.

Os rolos dos Salmos, achados em Qumran, apresentam diferenças ainda maiores. Pelo fato de muito deles estar preservado, 11QPs^a é um bom exemplo. O manuscrito, que se compõe de quatro fragmentos, mede cerca de quatro metros de comprimento e tem um total de 28 colunas. Contém, numa seqüência não conhecida de qualquer outra fonte, 36 salmos canônicos (nem todos completos); o Salmo 151, só encontrado nas versões Septuaginta, Latina Antiga e Siríaca; dois dos cinco salmos que só o Saltério Siríaco contém; II Samuel 23:7; uma passagem da Sirach; e quatro composições não canônicas. Aparentemente, o livro de hinos judaicos da era pré-Jâmnia, se podemos chamar o Saltério de hinário, circulava em várias coleções diferentes, das quais o Saltério Massorético, o Septuaginto e o Siríaco eram três exemplos que sobreviveram.

Jeremias é outro livro do qual pelo menos duas recensões diferentes estavam em circulação, uma representando o texto massorético e a outra o septuaginto. Ambas as recensões vieram à luz como manuscritos hebraicos em Qumran.

É bem conhecido que o texto septuaginto de Jeremias omite cerca de 2.700 palavras (cerca de seis ou sete capítulos) que o texto massorético contém, e que contém cerca de 100 palavras para as quais não há passagens equivalentes no texto massorético. Além disso, os capítulos existentes em ambas as recensões — a hebraica e a grega — estão em ordem diferente, em particular os oráculos para as nove nações estrangeiras.

A explicação para estas diferenças provavelmente devam ser buscadas no hábito do profeta de emitir suas mensagens separadamente ao lhe serem estas dadas de tempos em tempos. As pessoas as colecionavam, então, quando elas lhes chegavam. Algumas, evidentemente, tinham mais do que as outras, e isto contribuiu para os diferentes tamanhos das várias coleções.

As descobertas de Qumran nos oferecem explicação também quanto ao motivo por que algumas das citações do Novo Testamento concordam com o texto septuaginto do Antigo Testamento, mais do que com o texto massorético. Por exemplo, São Mateus 21:16 cita o Salmo 8:2 como dizendo: "Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor." Isto está de acordo com a versão da Septuaginta. O termo massorético, diz: "Da boca das crianças e dos que mamam Tu

suscitaste força." Não sei se essa passagem interessante existe entre os manuscritos de Qumran, nem se já foi publicada; sei, porém, que Mateus a citou de um texto hebraico que concordava com a *Vorlage* que os tradutores gregos usavam.

Aprendemos muito a respeito do texto bíblico hebraico, durante os 40 anos passados. Temos agora uma idéia melhor daquilo que se parecia mais com a Bíblia do tempo de Jesus. Embora existissem no Seu tempo diversas recensões, as mensagens divinas eram as mesmas. Todas elas podem ter sido usadas com proveito pelos missionários cristãos. A igreja cristã usou a Septuaginta em sua obra missionária no estrangeiro e nas igrejas gentílicas com tanto sucesso e poder, como se tivessem usado o texto bíblico aceito pelos rabinos de Jâmnia.

Na verdade, com exceção de São Jerônimo, a Igreja Patrística gostava mais da Septuaginta do que das traduções gregas subsequentes do judaísmo, enquanto os judeus rejeitavam a Septuaginta, uma vez que esta não concordava totalmente com seu texto aceito e se tornou a Bíblia dos cristãos. Não foi senão depois que a Vulgata se tornou disponível no fim do quarto século, que a igreja cristã ocidental aceitou o Antigo Testamento numa forma que concordava com a Bíblia hebraica dos judeus. A igreja cristã oriental ainda considera a Septuaginta como o texto autorizado do Antigo Testamento.

1. *Die Grosse Täuschung* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1921), vol. 2, pág. 5.

2. *Journal of Biblical Literature* 69 (1950): 152.

3. Infelizmente, com exceção de alguns exemplos fotográficos, os de massada ainda não foram publicados. Ver Yigael Yadin, *Israel Exploration Journal* 15 (1965): 103-105. Pelo caráter do seu texto, devemos, portanto, depender do testemunho do escavador. Ver também M. Avi-Yonah, ed. *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1976-8) vol. 3, pág. 812.

4. Y. Aharoni, *Israel Exploration Journal* 11 (1961): 22-23; Yadin, *Israel Exploration Journal* 11 (1961): 40.

5. *Journal of Biblical Literature* 74 (1955): 182.

6. Ver Josephus, *Antiquities of the Jews*, Book XVIII, Seção 16.

7. D. N. Freedman and K. A. Mathews, *The Paleo-Hebrew Leviticus Scroll* (Philadelphia: American Schools of Oriental Research, 1985).

8. O código identificando os manuscritos bíblicos do rolo do Mar Morto e os fragmentos, menciona primeiro o número da caverna da qual vem o item, em seguida o livro bíblico que ele contém e, finalmente, uma designação posterior da qual veio esse item do manuscrito daquele livro bíblico. Assim 1QIs^b indica o manuscrito "b" de Isaías, da Caverna 1 de Qumran.

9. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (1953), Nº 132, págs. 15-26.

10. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (1955), Nº 140, págs. 27-33.

Dê Maior Sabor Escriturístico a Seus Sermões



Pesquise, investigue, indague,
descubra, pregue.
Aprofunde-se no texto bíblico
com o auxílio imprescindível
do Comentário Bíblico
Adventista.

Com cinco volumes já
traduzidos para o espanhol,
você tem à disposição um
verdadeiro tesouro de

informações bíblicas. Desde o
livro de Gênesis até o
evangelho de João, a Bíblia
comentada, versículo por
versículo, para enriquecer sua
bagagem cultural e
experiência cristã.

Obtenha maiores informações
no SELS do seu campo.



Casa Publicadora Brasileira
Caixa Postal 34
18270 — Tatuí, SP